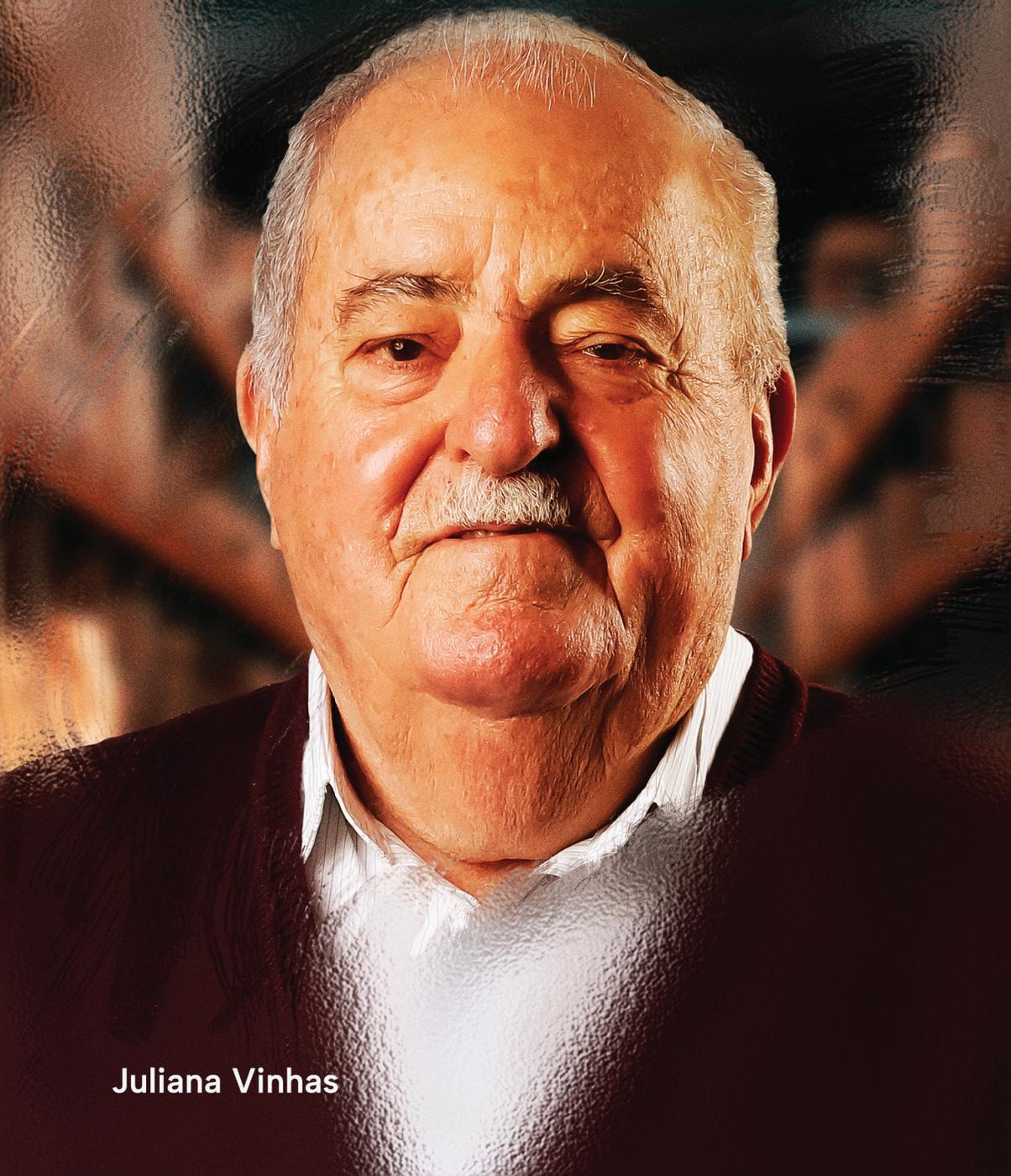


NILO TOZZO

Uma vida de trabalho. O trabalho de uma vida.



Juliana Vinhas

NILO TOZZO

Uma vida de trabalho
O trabalho de uma vida

JULIANA VINHAS

NILO TOZZO

Uma vida de trabalho
O trabalho de uma vida

Editora Livrologia
2024

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Vinhas, Juliana

Nilo Tozzo: uma vida de trabalho, o trabalho de uma vida. / Juliana Vinhas. Porto Alegre: Livrologia, 2024.

ISBN 978-65-80329-69-4

1. Experiências - Relatos
2. Família - História
3. Histórias de vidas
4. Homens - Biografia
5. Infância
6. Memórias
7. Narrativas pessoais
8. Tozzo, Nilo I. Título.

24-210314

CDD-920.71

Índices para catálogo sistemático:

1. Homens : Biografia 920.71

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

SUMÁRIO

06

APRESENTAÇÃO

94

PARTICIPAÇÃO
NA COMUNIDADE

Capítulo V

12

PREFÁCIO

106

PRESENÇA
DA FÉ

Capítulo VI

18

ORIGENS

Capítulo I

116

FAMÍLIA

Capítulo VII

28

TRABALHO

Capítulo II

136

HISTÓRIAS

Capítulo VIII

42

GRUPO EMPRESARIAL

Capítulo III

152

ENSINAMENTOS

Capítulo IX

70

DEDICAÇÃO AO
SETOR PÚBLICO

Capítulo IV

158

“ENTÃO,
FOI UMA VIDA”

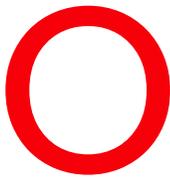
Capítulo X

05

06

07

APRESENTAÇÃO



processo que resultou neste livro surge do sentimento de se registrar uma história de superação, persistência, trabalho e sucesso. Procura-se, aqui, registrar para a posteridade o caminho trilhado pela pessoa que empresta seu nome à política, ao empreendedorismo e à comunidade do Oeste catarinense e Sul do Brasil. A intenção é não correr o risco de perder detalhes desta incrível jornada.

A paixão pela leitura e, mais especificamente, por biografias, me acompanham no decorrer da vida. Muito me incomodava que na hora de escolher as histórias para as quais iria dedicar algumas semanas ou meses de leitura as opções sempre acabavam sendo nomes 'da moda', como mega empresários, políticos, palestrantes, mentores, normalmente internacionalmente famosos.

E a nossa história, nossos desbravadores, a nossa gente, onde ficam? Essa lacuna está relegada à parte debaixo ou atrás da estante.

Mas, com este livro, pretendemos trazer uma contribuição à nossa gente e a todos os interessados nesta história.

Trabalhando há 26 anos junto ao Grupo Nilo Tozzo, e admirador de toda história já construída por esta família, há muito tempo me perguntava porque não ter esse registro. Algumas vezes, em conversas com o Sr. Nico Tozzo (filho do Sr. Nilo), surgia esta ideia, porém acabava ficando só na conversa mesmo.

No entanto, no decorrer de 2022, recebemos uma visita técnica de diversos atacadistas e distribuidores de todo o Brasil e, dentre estes, estava um grande amigo distribuidor do estado do Pará, o qual presenteou o Sr. Nico com a biografia de seu pai, o Sr. Hiroshi Okajima. À noite já estava nas redes sociais do Sr. Nico a imagem do livro e o agradecimento pela lembrança. Foi instantâneo que me veio novamente à tona a ideia.

No dia seguinte já estava eu na sala do Sr. Nico fazendo a reserva para a leitura do livro tão logo fosse possível, e a nossa velha conversa voltou. E o livro do Sr. Nilo? – Pois é Gilnei, temos que ver – foi a resposta. Com receio de que novamente morresse ali a ideia, pedi autorização para levar adiante o projeto, o que prontamente me foi autorizado.

No mesmo dia já estava em contato com amigos para descobrir quem poderia nos ajudar a concretizar o livro. Foi por intermédio da ex-funcionária do Grupo e hoje professora universitária Naline Tres que chegamos ao Ivo Dickmann, proprietário e editor-chefe da Livrologia, que de pronto aceitou o desafio.

A partir daí tínhamos que buscar a pessoa que conseguiria captar a essência de vida do Sr. Nilo e organizar textualmente toda essa história. Vários nomes surgiram, porém, um deles nos chamou atenção. Sugestão vinda de minha esposa, Roseli Ana Fabrin, que já conhecia

a pessoa e profissionalismo da Juliana Vinhas. Foi conexão de primeira. Uma conversa e já estávamos lá pensando “a cara e o corpo do nosso filho”.

Foram algumas reuniões e dezenas de entrevistas, seja com personalidades empresariais, políticas, funcionários, ex-funcionários, familiares e amigos. Alguns passeios, muitas fotos, muita busca por registros fotográficos e documentos históricos. Pensa aqui, escreve ali, revisa cá e assim ia nascendo este livro. A cada dia que passava aumentava a expectativa e os primeiros textos que saíram já mostravam que seria lindo de ver e de ler.

Nas últimas reuniões já discutíamos a capa, o título, as cores, o formato, era o sonho próximo da realização. Só faltavam detalhes e a espera estava se acabando.

Um último aviso aos leitores. Além dos textos, em cada capítulo você encontrará fotos históricas, que ajudam a contar a história, já que, como diz o ditado popular: uma imagem fala mais que mil palavras... achamos que seria um desperdício não compartilhar as fotos selecionadas entre milhares que encontramos no processo de garimpo para a construção do livro.

E, agora, o livro está aí em suas mãos. Desejo uma boa e inspiradora leitura!

Gilnei Scussel

Junho de 2024

12

12

PREFÁCIO

Sinto-me honrado com o convite para prefaciar a presente obra, principalmente por tratar-se de uma biografia em vida de uma das personalidades mais importantes da história do Oeste e de todo o Estado de Santa Catarina.

EXITOSO, este seria um belo adjetivo que definiria o Sr. Nilo Tozzo.

Esta obra, com seus registros e fotografias, demonstram que independente dos percalços enfrentados, jamais desistiu de seus sonhos. Com seu árduo trabalho, esforço incomensurável, hombridade e visão empreendedora consegue deixar um legado respeitável e, principalmente, louvável à família, amigos, colaboradores, eleitores e Comunidade do Oeste de Santa Catarina.

Apesar dos infortúnios advindos após seu nascimento, com a morte prematura de sua genitora, conseguiu manter-se íntegro ao propósito familiar, unindo-se à Sra. Clementina e deste resultando uma valorosa família, composta atualmente de filhos, netos e bisnetos.

Família esta que enaltece suas origens e cultiva princípios morais, éticos e comerciais.

Quando jovem iniciou sua atividade laboral e com muito esforço, empenho e comprometimento foi galgando conquistas e obtendo respeito e admiração não só de seus familiares, mas de parceiros de negócios. Não teve “vida fácil”, porém, foi justamente do calejar que extraiu os ensinamentos para tornar-se sócio da empresa Ludovico Tozzo (seu irmão) e, posteriormente, alçar maiores voos, tornando-se o idealizador e fundador da Nilo Tozzo Distribuidora Ltda.

Da estrutura familiar decorreu logicamente a sucessão familiar e, aqui cumpre grifar, que poucas são as empresas sediadas no Brasil que alcançam a 3ª geração de seus fundadores, o que de fato ocorre brilhantemente com os netos de Nilo Tozzo e Clementina Tozzo.

Não bastasse o sucesso empresarial, buscou envolver-se no âmbito da Comunidade, dispensando esforços para que todos ao seu redor obtivesse melhores condições e oportunidades em vida.

Ingressou na política e, tanto no legislativo quanto no executivo, foi vitorioso em eleições, sendo seus grandes feitos direcionados justamente à Comunidade e, posteriormente, Cidade que tanto lhe concedeu: “Cordilheira Alta”. Aqui deve se ressaltar, a história deste Município, localizado no Oeste de Santa Catarina, que se entrelaça com a própria história do Sr. Nilo Tozzo.

Verifica-se que dos seus 91 anos de vida efetivamente o Sr. Nilo Tozzo foi EXITOSO, entretanto, seus admiráveis feitos estão associados a uma força maior, o qual sempre buscou reverenciar. Sua fé em Deus e Santidades o guiaram nestes longínquos anos de vida, corroborando para que os momentos difíceis fossem superados e os favoráveis louvados.

Registro uma pequena passagem de quando fui apresentado pelo

Sr. Neloir Antonio Tozzo (Nico) como novo advogado da empresa ao Sr. Nilo Tozzo: “Prazer, mas a empresa está fazendo algo errado que precisa advogado aqui dentro”. O respondi: “Não, Sr. Nilo, seus filhos pretendem precaver-se de eventuais riscos”. O Sr. Nilo Tozzo respondeu-me: “aqui todos devem estar satisfeitos e ganharem bem e quando saírem devem receber tudo que é de direito, não gostaria de ouvir ninguém reclamando da empresa que não paguei certo”.

Por este pequeno e rápido contato que tive já pude aferir a retidão que possui o Sr. Nilo Tozzo, a qual é um dos propulsores da missão, visão e valor das empresas do Grupo Nilo Tozzo.

Prepara-se para o que encontrarás nas páginas subsequentes, pois a inolvidável história (parte dela, pois, necessitaria inúmeros volumes de obras para retratá-la) será contada pelo próprio Sr. Nilo Tozzo, sua esposa Sra. Clementina Tozzo, filhos, netos, colaboradores, amigos e correligionários.

A leitura torna-se recomendada por tudo que foi descrito brevemente acima, aprofundando-se no bojo do livro, sendo fonte inspiradora para qualquer cidadão que aspira vencer na vida, constituir família, ser empreendedor, político e religioso.

Boa leitura.

Chapecó, SC, 28 de maio de 2024.

Ilan Bortoluzzi Nazário

Advogado e Empreendedor

18

10

ORIGENS

Capítulo I

Com um pé no Rio Grande do Sul e outro em Santa Catarina. Assim é a história de Nilo Tozzo, semelhante à de tantos outros pioneiros do grande Oeste catarinense. Se, por um lado, foi em Santa Catarina que constituiu família, empreendeu, recebeu admiração e estruturou todo o seu legado, por outro, é no Rio Grande do Sul que estão suas origens.

Pequeno órfão

Nilo Tozzo nasceu no dia quatro de novembro do já longínquo ano de 1932, em tempos bem diferentes dos atuais, no interior do município de Erechim/RS, mais precisamente em Linha Saracura. Lá viviam seus pais, Fermino 'Toso' e Sílvia Tozzo – o sobrenome 'Tozzo' passou por transformações ao longo do tempo; inicialmente, a grafia era com um 's', depois, por questões cartoriais, acabou sendo escrito com dois 'z'. Aliás, as divergências cartoriais, comuns à época, também impactam no nome do pai de Nilo, o qual é descrito como Fermino em alguns documentos e Firmino em outros.

Nilo era uma criança de dois anos de idade quando, no último dia do ano de 1934, a mãe faleceu. Na época, tinha oito irmãos, todos

mais velhos. Órfão, o grupo, de oito meninos e uma menina, precisou ser dividido, e Nilo foi enviado para morar com os avós paternos – Antonio e Angela – e um tio.

A infância de Nilo foi vivida em um sobrado de Linha Jansen, município de Farroupilha/RS, distante cerca de 275 quilômetros de sua cidade natal, e a aproximadamente 400 quilômetros de distância do local para onde seu pai e irmãos – e, anos depois, ele também – se mudariam, no interior catarinense.



Casa em que Nilo Tozzo viveu com os avós e o tio, no RS, durante aproximadamente 10 anos.

Memórias da infância

A temperatura não importava, Nilo estava sempre de pés descalços. Calçados não cabiam nas condições financeiras da família, por isso, fizesse frio ou calor, o pequeno Nilo estava sempre de ‘pés no chão’. Em raras exceções usava uma espécie de tamanco. Quando passou a frequentar uma escola que ficava a cinco quilômetros de casa, Nilo – na época com idade entre 8 e 10 anos – ia descalço até chegar perto da instituição, carregando um par de tamancos. Lá, parava, lavava os pés e colocava os calçados, que precisavam ser economizados, pois se gastasse era difícil adquirir outros. Um dia, voltando da escola, não aguentou a dor nos pés por causa das muitas bolhas formadas, e chegou em casa andando de quatro. Era um dia de inverno e o caminho tinha muitas pedrinhas. As bolhas se multiplicaram e tiveram que ser furadas pela avó com uma agulha. Assim, logo o menino melhorou.

Além da falta de calçados, o guarda-roupas também era restrito. Entre as principais roupas usadas, estavam as calças de brim diamantino – um tecido simples e, ao mesmo tempo resistente, utilizado antigamente nas vestimentas dos colonos –, que normalmente estavam na metade da canela, e camisas de riscado xadrez.

Antes mesmo de completar seis anos de idade, Nilo já trabalhava ajudando seus avós e o tio. A cavalo, levava milho para o moinho. Também fazia o caminho contrário, puxando cavalos cargueiros com cestos de milho da roça até a casa, onde o avô aguardava para descarregar os cestos de milho. Era o jeito de fazer o serviço, pois na época não havia estradas no local e o terreno das lavouras era bastante acidentado.

Capinar, colher pasto para os animais, tratar os porcos e as galinhas também fazia parte do serviço de Nilo na infância. Na época

da safra da uva, ele ajudava na colheita e no carregamento. Além das atividades rurais, também ajudou a cuidar de dois primos.

Com apenas oito anos de idade, ficou entre a vida e a morte. Levou um coice de um cavalo e foi levado pelo tio até a sede da comunidade. Foram cinco quilômetros, a cavalo, perdendo sangue pelo caminho, até chegar no local onde um morador tinha um automóvel – um Ford Modelo A, popularmente conhecido como ‘baratinha’. De ‘baratinha’, Nilo foi levado ao hospital, em Farroupilha.



“Tive muita sorte por não ter morrido,
pois perdi muito sangue.
Eu sempre acho que Deus que me ajudou.”

Apesar do susto, a vida não estava nem perto de acabar ali. Ainda haveria muito a ser vivido e percorrido, de cavalo, de carroça, de automóvel, caminhão e até mesmo de avião. Pela frente haveria sofrimento, desafios e, quase literalmente, um caminhão de conquistas.

Juventude em Santa Catarina

O pai e os irmãos de Nilo já moravam no Oeste de Santa Catarina, e ele tinha pouco contato com a família, só conhecia o pai e um irmão – dos demais não lembrava. O pai, Fermino, era um empreendedor: teve comércio estilo armazém de ‘secos e molhados’ em Linha Saracura, comprou uma fábrica de balas de café em Erechim/RS e abriu uma serraria em Xaxim/SC. Na serraria, o trabalho consistia

em serrar a madeira, levar até o Rio Uruguai, fazer balsas e descer rio abaixo até a Argentina, onde a madeira era comercializada. Só havia um detalhe: para enviar a madeira pelo rio, ele precisava estar cheio, ou seja, tinha que dar enchente. Caso contrário, o material ficava represado. E foi exatamente o que aconteceu. Sem a cheia, as balsas não desciam, a madeira ficava estocada e o dinheiro não aparecia. Instaurou-se uma enorme crise. Sem o recurso da madeira, Fermino não tinha como pagar os empregados e a alternativa foi guardar a madeira e contar com o trabalho familiar. Por isso, comprou um pedacinho de terra pra fazer um depósito de madeira e resolveu buscar Nilo, que já tinha por volta dos seus 12 anos de idade, para ajudar no trabalho.

Depois de aproximadamente dez anos, Nilo deixou o quarto onde dormia, na parte de cima do sobrado, se despediu dos avós, se sentiu grato por tudo, e carregou na bagagem a saudade de uma infância simples.



“Na minha infância fui muito bem criado, tinha comida boa, tudo natural. A avó fazia vários chás e era de rezar muito”.

Em Linha Rondinha, comunidade onde ficava a serraria, Nilo conheceu os irmãos. A família havia aumentado, pois o pai casou novamente – a esposa já tinha duas crianças – e teve mais três filhos. O trabalho de Nilo seria no ‘locomóvel’, uma máquina tocada a vapor.

Ele puxava lenha para fazer fogo e mover a serraria. Tudo era novo para o adolescente acostumado apenas à rotina agrícola, mas com força suficiente para qualquer trabalho, já que estava habituado aos serviços braçais.

Quando a situação da serraria melhorou, alguns anos depois, Nilo pode voltar a estudar. Concluiu uma etapa de estudos em Xaxim e, mais tarde, retornou a Erechim – tinha entre 16–17 anos – para fazer o antigo curso de Admissão, no Colégio Medianeira. Ele havia chegado atrasado ao curso; as aulas tinham começado há cerca de um mês, por isso, no começo, teve certa dificuldade para acompanhar a turma.



Infância, juventude e vida adulta de Nilo Tozzo foram marcadas pelo trabalho. Na foto, Nilo tinha entre 16 e 17 anos.

Estudava de manhã e à tarde e, em pouco tempo, começou a trabalhar à noite. Morava na casa de um primo que ficava em frente a um moinho. Sem dinheiro para se manter, conseguiu o serviço e trabalhava no moinho até tarde da noite, carregando e descarregando sacos de trigo dos vagões do trem da estrada de ferro. Dormia pouco, pois pelas cinco horas da manhã acordava para fazer as lições de casa. Além disso, no caminho para o Colégio, aproveitava para estudar. Assim, se tornou o melhor aluno de uma turma de 47 estudantes. Ao retornar para o Oeste catarinense, voltou a trabalhar com o pai e os irmãos. Muitas mudanças estavam por vir nas empresas da família Tozzo e na vida de Nilo. O pai, senhor Fermino, faleceu em 12 de dezembro de 1977. Hoje, seus restos mortais, e de suas duas esposas, estão em um cemitério de Chapecó/SC. Já o seu legado de trabalho, credibilidade e empreendedorismo, teve continuidade com os filhos, netos e bisnetos.



Parte da família de Fermino e Sílvia Tozzo.

21

28

20

TRABALHO

Capítulo II

Ao longo de toda a história, de geração em geração, o trabalho vem sendo a marca da família Tozzo. Parece não ser à toa o sobrenome Tozzo e a palavra trabalho comecem com a mesma letra. Toda a admiração que a família tem da sociedade é pelo trabalho realizado, todas as conquistas vieram – e vêm – do trabalho. A história inteira de Nilo Tozzo se confunde com o trabalho. Não há como falar de Nilo Tozzo sem falar no homem trabalhador, que começou como empregado, virou sócio e empreendedor. E, mais do que isso, passou esse exemplo para as gerações seguintes.

Trabalho e aprendizado: da carroça ao caminhão

Após concluir os estudos em Erechim/RS, Nilo retornou ao Oeste de Santa Catarina para trabalhar com a família. Trabalhou para o pai e para os irmãos – inicialmente, três dos seus irmãos (Ludovico, Alcides e Antônio) fundaram a empresa Irmãos Tozzo, depois, em 1954, foi criada a Ludovico Tozzo, da qual Nilo foi funcionário e, em janeiro

1957, passou a ser sócio. A empresa funcionava como um ‘armazém de secos e molhados’: ao mesmo tempo, em que comprava produtos agrícolas para levar para cidades maiores como São Paulo, trazia das grandes metrópoles produtos para revender aos pequenos comerciantes da região. Foi assim que se estabeleceu na família a experiência com distribuição.

No início, o serviço era ‘puxado’, feito com uma carroça de mula. Com essa carroça, Nilo buscava produtos da ‘colônia para a cidade’. Nas andanças, ele também precisava buscar água, e as boas vertentes estavam numa terra que se tornaria muito familiar para Nilo com o passar do tempo: a propriedade dos Dal Santo, pais de Clementina. Lá, o jovem Nilo também ia prestar serviços no período de lavar e ficava cada vez mais próximo da família de agricultores e da sua futura esposa, Clementina Maria Dal Santo (hoje, Clementina Maria Tozzo), com quem casou em maio de 1956. O namoro e o casamento do jovem casal se entrelaçam com uma história de muito trabalho.

Da carroça, Nilo foi para o caminhão. Suas viagens, que começaram nas pequenas estradas no interior, passaram a o levar até São Paulo, onde surgiram os principais aprendizados para a vida profissional e pessoal.



“Foi uma escola, a escola da vida. Não foi no banco da escola que eu aprendi, foi no banco do caminhão.”



Caminhão usado por Nilo nas viagens, em frente ao primeiro comércio da família, um tipo de armazém que antigamente era chamado de “Secos e Molhados”.



Nilo preserva com muito carinho um caminhão semelhante ao que ele usava para as viagens.

Do interior de Chapecó (hoje, Cordilheira Alta), Nilo saía com o caminhão, movido à gasolina, carregado de feijão – aproximadamente 130 sacos – rumo a São Paulo, em um trajeto com muita ‘estrada de chão’. O asfalto só aparecia no estado de SP. Até lá eram longos quilômetros de terra, tentando não atolar, cortando o mato para tirar o caminhão dos atoleiros ou mesmo parando no meio do caminho por causa da chuva. Se a estrada era difícil, vender os produtos que levava também não era fácil. O desafio era colocar o feijão no comércio em São Paulo e, quando esvaziasse o caminhão, procurar nas indústrias os melhores preços e usar o dinheiro recebido pelo feijão para encher novamente o veículo com as mercadorias que ia trazer pro Oeste de SC. Nascia o embrião do atacado na região, com muito trabalho e com os produtos que vinham de terras paulistas.

As mercadorias eram as mais variadas, desde alimentos como sal, açúcar e farinha, até produtos de limpeza e miudezas que os mercadinhos da região costumavam vender, como bobes (rolos de cabelo), ramonas (grampos de cabelo), alfinete, joaninha (alfinete de segurança), botão, elástico e tachinha para consertar chinelos – a tachinha era um dos produtos mais vendidos pelos mercadinhos na época, Nilo trazia diversas caixas e repassava tudo aos comerciantes locais. Normalmente, todas as mercadorias que Nilo trazia das viagens tinham boa saída, pois ele entendia as necessidades da região.

Com o tempo, ele também começou a trazer novidades que encontrava em São Paulo e ainda não tinha nas cidades menores, como algumas roupas. Na época, os tecidos eram vendidos em metro e, com um mesmo tecido, eram feitas as peças de roupa para toda uma família. As calcinhas, shorts e camisetas trazidas de caixas por Nilo foram uma grande novidade e vendiam muito bem. Neste período, Clementina ajudava na empresa, ela trabalhava na loja, justamente na parte de roupas, e anotava o que ele precisava trazer. Antes de

trabalhar na loja, Clementina lavava roupa pra fora, além de cuidar da casa, de alguns animais e dos filhos. Foram muitos anos criando os filhos praticamente sozinha enquanto Nilo viajava. Ele chegou a ficar um mês inteiro fora, tentando vender feijão e comprar outras mercadorias, sem nenhum contato com a família, pois na época sequer havia telefone. Com os filhos pequenos e sem informações do marido, Clementina rezava.



Quando ele viajava, eu pegava [os filhos], ajoelhava na cama e rezava o terço todo... eles pegavam no sono rezando e eu fazia acordar. Não precisava ser o terço inteiro também né... uma dezena era o suficiente... mas não... eu queria rezar o terço todo. Depois ainda tinha [a oração de] Santo Antônio, Nossa Senhora...
quanto rezar!

Clementina Maria Tozzo (esposa)

A esposa chegou a brigar com Nilo algumas vezes, pois não queria que ele viajasse, mas não tinha jeito, era o sustento da família. Além disso, quando viajava, ele economizava o valor da diária para comprar utensílios para equipar a casa, como ferro elétrico e liquidificador, itens raros na época nas pequenas cidades. Mesmo quando Nilo se tornou sócio, o casal continuava trabalhando bastante, pois usava o salário para pagar a parte na sociedade. E, assim, eles seguiram, com muito trabalho e também muita economia. Uma parceria que fez muito bem à família e aos negócios. Uma parceria fundamental, e uma das tantas que Nilo fez ao longo da vida, recheadas de confiança e respeito.

Parceria com os irmãos

A empresa Nilo Tozzo foi criada somente em 1997, após a cisão da sociedade com os irmãos. Mas até isso acontecer, foram 40 anos de sociedade – e mais de 40 anos de trabalho – na Ludovico Tozzo.

Na segunda metade dos anos 50, depois de casar, Nilo, que já era funcionário dos irmãos, comprou uma pequena parte da sociedade.



A gente aprendeu e viu tanto no tio Nilo, no meu pai e no tio Antônio que a empresa só prosperou porque tinha a lealdade, o compromisso e o trabalho de cada um dos três, isso que prosperou a empresa. Além de irmãos, eram sócios, e sempre prevaleceu a confiança de todos eles.

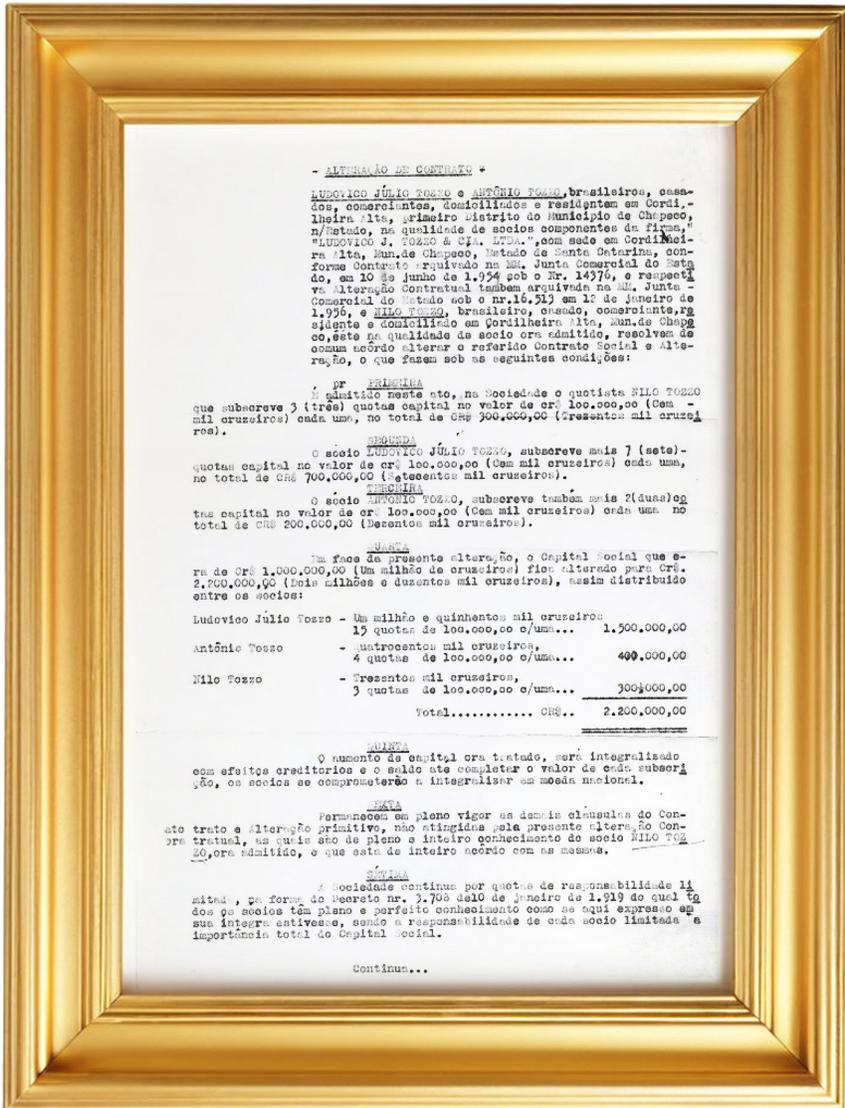
**Luiz Antônio Tozzo (filho do Ludovico
Tozzo/sobrinho do Nilo)**

Tempos depois, recebeu uma oferta de Júlio, um irmão que morava no Paraná, para ir trabalhar com ele no estado vizinho. Para não perder o trabalhador e sócio, Ludovico propôs vender mais uma parte para Nilo, aumentando o percentual e a representatividade dele na empresa.

No fim da década de 60, cerca de dez anos depois de Nilo se tornar sócio, depois das dificuldades do começo da caminhada, a empresa começou a avançar a passos mais largos: passou a ter vendedores externos para tratar com os comerciantes no interior e cidades da região, e Nilo não dirigia mais o caminhão, costumava ir com um motorista para fechar os negócios ou ia de Fusca® para negociar e depois o caminhão ia para fazer a retirada e transporte das mercadorias.

Nos anos 70, foi aberta uma filial de venda no balcão em Chapecó.

Na década de 80, a empresa passou a ter uma equipe mais consistente e profissionalizada, com representantes comerciais no Paraná e Rio Grande do Sul. Também tinha equipe de entrega com caminhão próprio. A empresa chegou a ter 70 vendedores, em uma evolução muito rá-



Nilo entrou na sociedade adquirindo 14% dos negócios e saiu dela quando possuía 25% da empresa.

vida dos negócios, em um período em que as oportunidades surgiam e a coragem imperava nas decisões. Também foi na década de 80 que iniciaram os investimentos no segmento agro, com negócios no Mato Grosso. Antes disso, nos anos 70, foi adquirida a primeira área de terra em Sinop/MT, com a intenção de abrir uma madeireira. Por decisão da empresa, a área acabou sendo vendida e os investimentos voltaram-se para Campo Novo do Parecis/MT, justamente para partir pro agronegócio. Nas fazendas adquiridas, era produzido arroz, milho e soja. O negócio se mostrou lucrativo, e a partir do terceiro ano passou a ser autossustentável. Quando o atacado passava por períodos difíceis, o agronegócio equilibrava, e vice-versa. O atacado já possuía em torno de 150 fornecedores de produtos, dos quais comprava para revender. O fim dos anos 80 representou um período de estabilidade e ampliação. Um dos motivos para o crescimento da empresa foi o modelo de gestão.

Em 1990, a Ludovico Tozzo passou pela primeira cisão. O núcleo



Uma vantagem que fez a empresa crescer foi que nenhum dos irmãos pensava em fazer coisa particular, tudo que era adquirido era pra empresa e o lucro, pouco que dava, era para a empresa, faziam a retirada só pra viver.

**Luiz Antônio Tozzo (filho do Ludovico
Tozzo/sobrinho do Nilo)**

familiar de Antônio Tozzo se despediu da sociedade. A família havia crescido. Além dos três irmãos, havia os filhos de cada um, já adultos, envolvidos nos negócios. Era preciso repensar. Na época, Ludovico já estava doente, acamado. Nilo já era vereador em Chapecó e lutava pela emancipação de Cordilheira Alta. A próxima cisão, da família de Eles [Nilo e família] trabalharam! Depois dele, os filhos continua-

Nilo, também começou a ser programada. Todo o processo foi realizado em comum acordo, após muita conversa e etapas de transição. Em 1992, quando Ludovico faleceu, Nilo já coordenava os negócios e era encarregado das decisões finais. Em junho de 1997, a sociedade chegou ao fim com a última cisão. Nascia a Nilo Tozzo e, com ela, as três empresas 'Tozzo', conhecidas no interior como 'o Tozzo vermelho, o verde e o azul', diferenciadas pelas cores, pelas marcas que representam e algumas vezes pelos tipos de produtos, mas semelhantes no modelo empresarial e, principalmente, na retidão em lidar com os negócios.



Além de fazer negócios, Nilo (ao centro) aprendia muito em cada viagem e conhecia lugares diferentes (Pão de Açúcar no RJ).



A gente tinha uma credibilidade que era fora de série. Essa relação começou com meu avô ainda, uma pessoa de palavra. Isso a gente tem até hoje perante nossos fornecedores, clientes. Se você colocar como princípio isso, as pessoas que estão trabalhando contigo vão vendo no dia a dia quem é a empresa, para quem estão trabalhando.

Neloir Antonio Tozzo - Nico (filho do Nilo)



Nilo dedicou mais de 40 anos ao trabalho com os irmãos, na empresa Ludovico Tozzo (na foto, de pé, ao lado de Nilo, está o sobrinho, Luiz Tozzo).



Eles [Nilo e família] trabalharam! Depois dele, os filhos continuaram os negócios, trabalhando certo, sempre certinho. Quando começaram eram pequenos e foram crescendo bastante, todo ano. Eles tinham uma empresa muito grande, se dividiram em três e as três cresceram mais ainda, cada uma de forma particular. Foi um sucesso!

Waldir Graciani
(primeiro vice-prefeito de Cordilheira Alta)



O Nilo sempre foi uma pessoa que gostava do trabalho, de produzir. Não entrava pra brincar nem pra fazer pela metade. Ele, de certa forma, desenvolveu o empreendedorismo muito antes de se falar sobre isso. A história do Nilo Tozzo pode inspirar as pessoas tanto na vida privada quanto na pública porque ele teve sucesso nas duas.

Gelson Sorgatto
(amigo e aliado político)



Nos negócios, ele sempre foi muito pontual. Se eu pudesse dar uma nota pro Nilo, seria nota 10. Sempre foi um visionário, um cara pra frente, de inovar, de crescer, um empreendedor nato. Eles souberam aproveitar as oportunidades e foram sempre evoluindo.

Romeo Bet (amigo)



Pra mim ele [o vô Nilo] sempre foi um modelo de empreendedorismo, de vencer na vida. É o exemplo que eu tenho na cabeça, porque eu quero muito seguir o caminho do empreendedorismo e penso muito nele como meu modelo pra isso.

É exemplo de resiliência, de luta, de insistir no que você criou, e sempre fazer o melhor, olhar pros outros, ajudar quem é bom, ajudar a pessoa a explorar isso [o potencial]; vejo muito isso na empresa que ele criou. Não é fácil tu ter a tua ideia e prosseguir e é incrível como a empresa se consolidou, mesmo com o advento dos atacadistas que poderiam concorrer com a empresa, por ser muito sólida, por ter uma base, filosófica até, muito boa, não perdeu, não ficou pra trás. Isso pra mim é o exemplo de fazer bem feito.

João Pedro Tozzo Rossetto
(neto)

41

42

43

GRUPO EMPRESARIAL

Capítulo III

No segundo semestre de 1997, quando Nilo Tozzo estava prestes a completar 65 anos, ele recomeçou. Saiu da empresa para a qual dedicou mais de 40 anos da vida e, junto com os filhos, iniciou um novo empreendimento, a Nilo Tozzo & Cia Ltda. Da sociedade com o irmão, levou 25% do que já era um grande patrimônio. Ficou com um depósito antigo, um prédio que era do supermercado, terrenos em Cordilheira Alta e Chapecó, um posto de combustíveis, alguns caminhões, $\frac{1}{4}$ do estoque de mercadorias e uma fazenda em Campo Novo do Parecis/MT. Além disso, carregava a credibilidade estabelecida ao longo dos anos, a experiência nos negócios e a força de trabalho dos filhos.

Agronegócio

Na fase da vida em que a maioria das pessoas para de trabalhar, Nilo e Clementina – com 65 e 60 anos, respectivamente – foram se aventurar em terras mato-grossenses. A tarefa era ‘abrir’ a fazenda. Como eles mesmos dizem, foram meses fazendo ‘serviço de jovem’. No começo, o local não tinha sede, não tinha uma casa para a família, então o casal dormia em um quartinho, no espaço destinado aos funcionários. Não havia plantação, nem um pé de fruta sequer. Hoje, a área da sede da fazenda é toda florestada, graças a muito trabalho da família. Na entrada da fazenda, em um local onde não havia nada além de terra, foram plantados 60 pés de coco. O plantio foi feito pela dona Clementina com a ajuda de um trabalhador da fazenda.



De chinelo de dedo não dava [pra plantar] porque a areia era muito quente, daí usava uma bota Zebu¹, daí entrava areia, tu afundava, tinha que ficar tirando. No final demos graças a Deus que conseguimos terminar e o Nilo chegou e falou pra refazer tudo porque não tava alinhado, tinha uns coqueiros plantados mais fundo, outros mais pro lado... e tinha que estar tudo alinhado. Tivemos que arrumar. Mas hoje tá tudo alinhado e dando frutas. A cada dez metros, na sede, foi plantada uma árvore. Além do coco, plantamos manga, jaca, caju, palmito, e tudo produz muito bem até hoje...
manga chegam a colher de carrinho...
aqui só não dá o que tu não planta.

Clementina Maria Tozzo (esposa)

¹ Marca de calçado, um tipo de botina de cano curto.

Cada espaço foi pensado, plantado, organizado e estruturado do zero. O casal construiu a casa da família, a sede, armazém, silos, secador. Nilo projetou onde cada estrutura ficaria, desenhou as ruas, cuidou para que tudo ficasse alinhado e organizado. Acostumada com o trabalho braçal, Clementina fazia um pouco de tudo. E assim, viram a fazenda se transformar.



Primeira fazenda de Nilo Tozzo no Mato Grosso.



Quando se dividiu, o vô trabalhou lá na fazenda. Em 97 eu fui pra lá, nas férias, e não tinha nada lá. Não tinha uma árvore. O vô e a vó lá, trabalharam.

Diogo Nilo Tozzo (neto)

Um dos filhos do casal, Aumir, que tinha mais proximidade com o agronegócio, foi com a família – a esposa e dois filhos – para morar e trabalhar no Mato Grosso. Infelizmente, durante o processo de pesquisa e escrita deste livro, Aumir faleceu, vítima de um câncer. Marcelo, filho dele, é hoje o principal responsável pelas fazendas. Fazendas, no plural, pois após organizar a primeira área, aos poucos, a família adquiriu outras propriedades. Hoje, seis fazendas fazem parte do patrimônio no Mato Grosso. As propriedades contemplam lavouras de soja e milho, áreas de preservação e pastagens.

Como as áreas são muito grandes, a distância entre uma fazenda e outra também é. Hoje, oitenta quilômetros separam as sedes das fazendas com maior distância uma da outra, mas essa distância já foi maior. A distância entre duas fazendas chegava a 100 km, porém, como a divisa entre elas é formada por um rio, a construção de uma ponte particular evitou o desvio e encurtou o caminho, fazendo o trajeto ficar em apenas dez quilômetros.

Independentemente do ponto em que se esteja, é fácil saber quais são as fazendas de Nilo Tozzo, onde elas começam e terminam. Isso se deve aos palanques pintados de branco com a ponta em vermelho e ao capricho inigualável de seu Nilo, que preza pelo cuidado com cada detalhe.



O vô sempre foi muito caprichoso, gosta das coisas bem cuidadas, se preocupa com cada palanquinho, sempre gostou das coisas bem organizadas e que mantenha um padrão. A pessoa chega na fazenda, sabe onde começa e onde termina pelos pequenos detalhes. Ele sempre foi muito detalhista com a sede. Eu me cobro que eu poderia ser mais zeloso com as coisas, como o vô é, porque a gente acostumou a deixar pra quando o vô vier ele organizar, a gente já deixa serviço que quando o vô vem ele resolve. Imagina, com 65 anos ele começou do zero aqui no Mato Grosso, calculou cada metro de onde ia ficar cada coisa,

construiu toda uma sede só da cabeça dele. Sempre teve na cabeça dele essas coisas de estrutura, de organização, ele sempre foi cuidadoso.

Marcelo Augusto Tozzo (neto)

Desde 1997 até os dias de hoje, Nilo e Clementina viajam para o Mato Grosso nos períodos de plantio e de colheita – e algumas vezes para fugir do frio do inverno catarinense também. Com muito zelo, Nilo se interessa por todo o serviço e cuidados com a estrutura das fazendas. Está sempre ansioso, pensando na etapa seguinte. No plantio, já se preocupa em saber da situação das colheitadeiras. Quando chove, acorda cedo para inspecionar cada pedacinho de terra e acompanhar se todas as áreas foram abençoadas com a chuva. A disposição marcante que o casal demonstrou em 1997 para abrir a fazenda ainda pode ser percebida na atenção que eles dedicam ao local. Todo esse cuidado demonstra também o amor da família pela natureza. Estar no Mato Grosso é uma das maiores alegrias do casal.



Acho que a grande paixão [do vô] é o Mato Grosso. Chegou num lugar que não tinha nada e teve a visão de como ia ser, onde seria a sede da fazenda. Eles realmente escolheram os melhores lugares numa época que não tinha internet, não tinha como olhar a terra por cima. É uma capacidade absurda de ver além do seu tempo. Tem que ter uma resiliência e uma visão muito grande; o sonho tem que estar bem nítido na cabeça.

André Vinícius Tozzo (neto)



Fazenda Tozzo no Mato Grosso, já com melhorias feitas por Nilo Tozzo e família.



O cenário da fazenda nos dias de hoje mostra a evolução e o cuidado com a propriedade.

Terras em Santa Catarina

Abrigados do calor, embaixo das árvores em uma propriedade da família no distrito de Marechal Bormann, em Chapecó/SC, o casal, agora com 91 e 87 anos, aproveita o ar fresco que traz lembranças dos pés de manga plantados no Mato Grosso, os quais proporcionam tanta sombra que 'parece até ar condicionado', segundo dona Clementina. A verdade é que a propriedade no Oeste Catarinense também é um pedacinho de paraíso cultivado pela família. Boa parte do terreno é área de preservação. O espaço tem muita sombra, ar puro e refrescante e até mesmo uma cachoeira de água transparente (da qual Dona Clementina faz questão de pegar água fresca para o consumo). As vertentes de água são fontes límpidas, de acordo com análises feitas no local, e vão desembocar no Rio Uruguai.



Sr. Nilo e D. Clementina aproveitam a sombra e o ar puro na propriedade.

A propriedade foi comprada em 1977. Uma das intenções, na época, era investir na criação de suínos. O envolvimento da família com a produção de suínos começou quando a Dona Clementina ganhou dos pais, de casamento, um casal de porcos – além de uma vaca e uma máquina de costura. A criação de suínos no Bormann foi contemplada com uma das boas ideias de Nilo: um sistema para encanar o esterco e levar até a plantação, feito com uma bomba de pressão, tocada por um trator, que saía direto da esterqueira e levava o adubo à lavoura. O sistema, na época, foi considerado visionário e inovador, principalmente pelas características específicas que apresentava, os tais detalhes cuidadosos, especialidade de Nilo. Porém, a única vantagem que a criação de suínos oferecia, na época, era mesmo o adubo. Sem lucros reais, a atividade foi suspensa. Hoje, o espaço é utilizado para a criação de gado e para abrigar os milhares de pinheiros nativos, cuidadosamente plantados pelas gralhas. Houve um tempo em que a propriedade chegou a ter seis famílias trabalhando. Com as mudanças de rumo e as facilitações da tecnologia nos últimos anos, agora, apenas uma família de funcionários cuida da propriedade. O trabalho é feito pelo Sr. Valdir, a esposa, uma das filhas e o genro. Todos residem no local.



Aqui nasceram meus quatro filhos e uma neta. Eu devo muito a eles, sr. Nilo e d. Clementina, eles sempre nos ajudaram. O que eu tenho hoje eu fiz aqui, porque sempre trabalhei aqui, desde que casei, há mais ou menos 35 anos.

Valdir Feldkircher (funcionário da propriedade)



A paisagem na propriedade é preservada e admirada pela família.



Fontes de água fazem parte da paisagem na propriedade em Chapecó.

Além da parte rural – a qual está no ‘guarda-chuva’ das empresas Nilo Tozzo Agropecuária e Fazendas Tozzo, e engloba terras em Campo Novo do Parecis/MT, Nova Maringá/MT, Chapecó/SC e Cordilheira Alta/SC –, outros investimentos integram o Grupo Nilo Tozzo. A experiência empresarial levou à ampliação e diversificação dos negócios. Fazem parte do grupo a NT Urbanismo (Chapecó/SC), a BNT Securitizadora (Cordilheira Alta/SC), a Nilo Tozzo Combustíveis (Cordilheira Alta), a Ibicaré Hidrelétrica (Ibicaré/SC), mas o carro-chefe sempre foi e ainda é a distribuição – Nilo Tozzo Distribuidora (Cordilheira Alta/SC e filial em Nonoai/RS).

Nilo Tozzo Distribuidora

Em 1997, a saída de Nilo da sociedade com o irmão, embora planejada, exigiu muitas adaptações. Enquanto Nilo e Clementina foram para o Mato Grosso apostar nas terras, os filhos ficaram em Cordilheira Alta para iniciar a nova empreitada nos negócios. Assim nasceu a distribuidora Nilo Tozzo².



Veio a separação em 97, saímos da Ludovico e fizemos a Nilo Tozzo. Eu, o pai, o Nico e o Mir começamos a Nilo Tozzo e Cia.

Jair Pedro Tozzo - Chico (filho)

² No começo da sociedade, a filha mais nova de Nilo e Clementina, Silvânia, também fazia parte do grupo, mas não participava ativamente dos negócios por residir em Florianópolis. Alguns anos mais tarde, os irmãos compraram a porcentagem de Silvânia na sociedade.

Embora houvesse um patrimônio inicial e muitas oportunidades de negócios, entre elas o segmento agro, os combustíveis e o atacado, havia também muitos desafios, preocupações e a necessidade de se adaptar a uma nova realidade. O grande desafio era fazer dar certo, concorrendo com as outras empresas Tozzo (dos irmãos/tios/primos) e demais atacadistas, recomeçando com uma estrutura muito menor do que estavam acostumados.

Na época, uma grande aposta foi feita pela Nilo Tozzo enquanto diferencial no mercado: o fracionamento. Em busca de um nicho diferenciado, a NT passou a vender produtos de forma fracionada. Assim, foi possível oferecer, nas vendas do atacado, os produtos em quantidades menores – um alívio para os proprietários de pequenos supermercados que normalmente precisavam escolher apenas um produto de uma linha inteira, pois anteriormente a compra só ocorria em caixas fechadas. O modelo facilitou a diversificação de produtos nos estabelecimentos menores e conquistou a clientela. Aos poucos, se tornou um grande sucesso.

O novo modelo, embora considerado promissor pelos empresários, gerava preocupações, tanto por parte dos donos da empresa quanto para os funcionários. Quase todo o quadro de funcionários, na época, era remanescente da antiga sociedade e acostumado a trabalhar com grandes quantidades de produtos. Vendo que, nas entregas, a carga era pequena, com pouca mercadoria, um dos motoristas chegou a ligar para a empresa no meio do trabalho para pedir demissão, com medo de que eles fossem 'quebrar'. Após esse episódio, o motorista foi convencido a continuar e permaneceu na empresa por 26 anos, sem vê-la quebrar.

Se as novidades assustavam os funcionários, as incertezas também assombravam os donos da empresa. Havia dificuldade em negociar com os fornecedores, já que a compra era bem menor do que o

habitual. O volume de negócios, em comparação com a antiga sociedade, caiu drasticamente. Mesmo assim, ainda era possível manter a empresa e reinvestir os lucros e, aos poucos, ver o empreendimento prosperar.

Um dos passos para a inovação e ampliação dos negócios foi dado em 2005 com uma viagem para a China. Junto com uma comitiva de empresários catarinenses – e sem falar inglês – Nico conheceu as oportunidades de negócios com o país asiático. Depois, voltou outras vezes à China, incentivou o filho mais velho, André, a fazer as viagens, e trouxe para o Oeste catarinense inúmeros produtos com preços competitivos, como itens de utilidade doméstica, material escolar, brinquedos e até mesmo pneus. A empresa passou, cada vez mais, a se estabelecer no mercado. Foram tempos de muito crescimento, oriundos não só de trabalho, mas também de alguns sacrifícios.



Até pouco tempo tínhamos só a nossa casa, e o restante era tudo da empresa, e o meu pai tinha essa filosofia: “se você quer que a empresa permaneça, você tem que fazer a empresa ficar rica e os sócios ficarem pobres”. Assim, quando você tem a empresa, todos tem que estar focados no negócio. Nós não tirávamos [dinheiro], tirávamos pra viver e focava na empresa, em fazer ela crescer. Se você pegar a história de todas empresas que fizeram sucesso foi assim, você tem que fazer muito sacrifício, porque primeiro é para a empresa e depois, se sobrar, é pra ti. Mas vale a pena.

Neloir Antonio Tozzo - Nico (filho)

A empresa familiar de muitas famílias

Os 27 anos da Nilo Tozzo Distribuidora têm sido marcados por renúncias, determinação, investimentos e ascensão. O fim dos anos 90 não foi fácil para o grupo, mas o crescimento foi notório e admirável. No começo, a empresa tinha aproximadamente 20 funcionários e dez representantes. Hoje, esse quadro engloba quase 600 pessoas na grande família Nilo Tozzo. Muitos funcionários estão há mais de duas décadas na empresa e não só se sentem parte dela e de seu crescimento, como, de alguma forma, sentem que a empresa é um pouco deles também. Uma relação de muito carinho e confiança, de ambas as partes.



Em 1997, na cisão, era a família e mais meia dúzia funcionários. Começamos pequenos e foi tão rápida a passagem que tá aí hoje a potência, mas sempre com dedicação. Foi uma confiança dos donos da empresa acreditarem nos funcionários, eles criaram uma família: era festa, igreja, trabalho, tudo junto. Foi um crescimento bem harmônico. Não é por acaso que as pessoas ficam 10, 15, 20 anos na empresa.

Carlos Alberto Tozzo - Picasso

(sobrinho e afilhado de Nilo, ex-funcionário da empresa)



As relações duradouras precisam de confiança. Não é à toa estar aqui há 26 anos. É tu ver que tu tá fazendo a

diferença, que tu tá ajudando. E a empresa não para de crescer... me sinto muito útil ainda. Parece que a empresa é um pouco minha também, trabalho como funcionário, mas com a visão que um executivo tem que ter. Eu tenho um amor muito grande pelo negócio. Quando entrei, a Nilo Tozzo tinha menos de um ano de vida, era bem diferente, então de certa forma é um filho adotivo meu também. Hoje não consigo me ver em outro lugar. Aqui temos espaço para navegar nas ideias, e a liberdade de tornar os momentos especiais. A gente tá aqui [no mundo] pra evoluir, em todos os sentidos, melhorar o mundo, e me sinto fazendo isso na empresa. A empresa possibilita melhorar o mundo.

Gilnei Scussel

(gerente administrativo do Grupo Nilo Tozzo)

Com poucos funcionários e muito conhecimento e determinação, a Nilo Tozzo Distribuidora foi crescendo e ocupando seu espaço. No começo, foi estabelecido um acordo de não vender os mesmos produtos da Ludovico Tozzo. Assim, a Nilo Tozzo focou em cosméticos e higiene, depois apostou nos brinquedos, sempre com marcas diferentes das que eram trabalhadas pelos antigos sócios. Com o modelo de fracionamento, a empresa ganhou mercado e clientela. O lucro reinvestido na empresa determinou os rumos do crescimento. Em 2008, 11 anos após a cisão, houve a mudança para a nova sede, em um ponto alto de Cordilheira Alta/SC, com uma vista privilegiada, onde a empresa está instalada até hoje.



Isso aqui [o terreno da empresa] era um capoeirão, ninguém dava nada por isso daqui, era capoeira e bastante cascalho.

O sr. Nilo teve uma ideia magnífica, olho clínico. Pegou um ponto estratégico aqui, que tem uma visão maravilhosa. Olhando onde a gente tá hoje ninguém faz ideia de onde a gente começou, mas logo a empresa evoluiu, voou. E teve muita base da dona Clementina e o sr. Nilo pra empresa dar esse salto, são peças fundamentais. O carisma deles conquistou e contou muito.

Eloá Conceição Zanluchi - Lala

(gerente financeira da Distribuidora Nilo Tozzo, funcionária desde a criação da empresa)

Com funcionários de confiança, os quais já caminhavam junto com a empresa e a família desde antes da cisão, e com novos colaboradores que foram agregando tanto em conhecimento quanto em dedicação, o empreendimento foi se profissionalizando pouco a pouco e se destacando a passos largos. Além disso, o trabalho dos sócios sempre foi fundamental. Trabalho real – com comprometimento e honestidade –, do jeitinho que o Sr. Nilo ensinou.



O pai era assim: tinha que chegar pra trabalhar 7h30, não podia chegar quinze para as oito, era o mesmo horário do empregado, não tinha diferença.

Jair Pedro Tozzo - Chico (filho)



O pai sempre disse: “pra você conhecer, você tem que fazer”, então todos nós trabalhamos. E eu fiz isso com o André também. Levei ele da mesma forma que o pai me criou.

Neloir Antonio Tozzo - Nico (filho)

A sucessão nas empresas da família tem sido, literalmente, um sucesso. Embora Nilo goste de saber e se envolver com os negócios, as empresas estão sob a condução dos filhos e netos. Atualmente, a terceira geração já assume os principais cargos e decisões, com o neto Marcelo sendo a figura central nas fazendas do Mato Grosso e os netos André e Diogo comandando o grupo na sede, em Cordilheira Alta.



Nós estamos na terceira geração na empresa e uma das coisas que admiro no meu avô é que ele ensinou os filhos e os filhos nos ensinaram. Ele delegou muito. Não tem como você criar um grande negócio se você não conseguir deixar os outros fazerem. Uma das maiores qualidades é que ele via, entendia como fazer, começava e passava pra alguém seguir. O mais difícil numa empresa familiar não é a empresa, é a família, mas ele teve a consciência de conseguir passar o sonho de pai pra filho, manter o brilho no

olhar do filho, do filho querer fazer aquilo, e dele ter a capacidade de passar o bastão.

André Vinícius Tozzo (neto)



Com 15 anos eu vinha no depósito, ajudava um pouquinho, mas sem aquele compromisso. Em 2003, o pai me colocou no posto [de combustíveis] com serviço fixo. A primeira vez que assinou minha carteira foi no posto. Eu trabalhava na lavagem, abastecia, depois fiquei de gerente, daí ajudava lá e aqui [na distribuidora], daí vi que aqui demandava mais de mim, daí comecei a vir mais. Eu nem sala tinha aqui, ficava na sala do vô, ficava eu e o vô na sala. E ele sempre quer estar a par de tudo. Quando o tio Nico adoeceu e se afastou eu comecei a ajudar o André. Temos liberdade na empresa e eles sempre foram nos incentivando a fazer o melhor.

O vô sempre falou pra nós da importância da honestidade, de sempre deixar tudo às claras, não deixar dúvida pra ninguém numa negociação.

Diogo Nilo Tozzo (neto)

A admiração pelo modelo de gestão e sucessão familiar e o carinho e consideração pela família do Sr. Nilo e pela empresa são facilmente encontrados nos corredores da distribuidora. É perceptível que se trata de uma empresa que olha para as pessoas, que tem o coração atuando junto com a razão, e que trata o crescimento da empresa como o crescimento de todos, fazendo com que cada um se sinta parte importante dessa engrenagem. A base forte inspirada

por Nilo e Clementina, e continuada pelos filhos, inspira e emociona. A forma como Nilo conduziu os negócios e como os filhos e netos deram seguimento faz com que o nome do homem que deu origem a todo esse legado seja preservado, respeitado e honrado diariamente.



O sucesso da empresa é um somatório de coisas que vão acontecendo. Muitas vezes se joga o peso inteiro no filho que não assumiu, que não quer, mas aí vem a pergunta: o pai preparou o filho? Conversou com o filho? O pai quer largar? Porque tem um ponto em que a empresa se mistura com a pessoa, não tem uma distinção entre CPF e CNPJ, então quando você passa a empresa pra alguém tá quase passando a tua alma, teu ego, a tua vida inteira tá ali... e aí pra você pegar os resultados que teve na tua vida e dizer “agora vai, é teu” ... tem muitos pais que não estão preparados. No nosso caso, isso foi acontecendo ao natural, de não ter esse ego, pelo contrário, é um orgulho ver os filhos continuando. A maior realização que vejo no vô, pai e tios é ver que a empresa teve seguimento. Eu não vejo a hora de, se meu filho quiser, que eu o veja fazendo as coisas que eu faço. Isso é tão natural pra nós que esses dias eu estava conversando com o meu filho [Lucca, de 11 anos] e ele disse “o vô fala que é bem legal que você faz isso, e eu também vou fazer, papai”. Eu nunca falei que ele tinha que trabalhar na empresa, é muito sutil e suave, e as coisas vão acontecendo, e eu coloco toda essa glória no meu avô, porque foi ele que passou isso, incentivou os filhos que fizessem. Esse talvez seja o maior presente que ele nos deixou em termos de empresa. Ele é desprendido.

Imagina a pessoa construir tudo isso e chegar num ponto e falar 'toquem o negócio, levem o meu nome'. É o nome dele que tá em jogo e ele não tem nem mais controle sobre o nome dele. Tem que ter um espírito muito elevado pra poder fazer isso, e isso vai passando de geração em geração.

André Vinícius Tozzo (neto)

Muito além do CNPJ

A Nilo Tozzo Distribuidora, em 2024, completou 27 anos de experiência no mercado com muito a comemorar: conta com mais de 600 pessoas diretamente ligadas à empresa, possui mais de cinco mil produtos no catálogo e foi cinco vezes eleita a Melhor Distribuidora de Santa Catarina pela Associação Catarinense de Supermercados (ACATS). Entretanto, nada disso é tão importante quanto a sua história e os seus valores: inovação, agilidade, lealdade, humildade e profissionalismo. Valores presentes em cada ideia, em cada resultado, em cada contratação, negociação ou investimento, e que representam o que a Nilo Tozzo verdadeiramente é: muito mais do que um CNPJ. Fazer parte da Nilo Tozzo é carregar o legado de alguém que dedicou a vida ao trabalho com coragem, seriedade, comprometimento, resiliência, determinação e ousadia.



Quando decidimos fazer o atacado [em 1997] começamos a pensar em que nome íamos por. O Chico sugeriu colocar Nilo Tozzo, daí fomos falar com o pai. Ele gostou da ideia, falou que o nome era conhecido, mas deixou claro: “só tem uma coisa, tenho 65 anos e nunca manchei o meu nome, nunca tive um título no cartório, nunca fui chamado na delegacia e tudo o que eu falei eu cumpri... vocês podem usar, mas vocês vão honrar isso”.

Neloir Antonio Tozzo - Nico (filho)



O vô deixou o nome pesado pra nós, porque uma coisa que o vô sempre teve foi o nome, é conhecido em qualquer lugar, todo mundo respeita, a pessoa mais rica ou mais simples. O vô sempre zelou por isso, nunca deixou de cumprir algum compromisso e sempre nos disse que o nome era o mais importante.

E o meu pai também sempre foi assim, se deu bom ou ruim, tem que assumir o compromisso, fazer sua parte, não deixar de cumprir... E o vô também, a parte dele ele sempre fez.

Marcelo Augusto Tozzo (neto)



1947

Fermino Tozzo chega em Cordilheira Alta (SC) e compra uma "bodega" juntamente com os filhos, onde começa a vender madeira, comprar produtos coloniais e comercializar "secos e molhados" na empresa Irmãos Tozzo.

1957

Nilo Tozzo concretiza a sociedade com os irmãos Ludovico e Antonio Tozzo, criando assim a Ludovico J. Tozzo & Cia Ltda.



1960

Mesmo sendo sócio da empresa, Nilo Tozzo viaja constantemente ao Rio de Janeiro e São Paulo como motorista de caminhão, levando feijão e trazendo produtos para revenda no comércio já instalado.



1997

Ocorre a cisão com a empresa Ludovico J. Tozzo & Cia Ltda, assim nascendo o Grupo Nilo Tozzo.



1997

Nilo e a esposa Clementina partem rumo ao Mato Grosso onde constroem a Fazenda Tozzo I, lá permanecendo diversos meses até sua instalação.





2002

Inauguração da nova sede administrativa do Grupo Nilo Tozzo, ampliando e modernizando todo o espaço de trabalho.

2007

Construção do Novo Centro de Distribuição da Nilo Tozzo em Cordilheira Alta com sistemas automatizados para um atendimento articulado e diligente.



2013

A Nilo Tozzo atinge a marca de 1.000 cidades atendidas.



2014

Ampliação em mais de 7,5 mil m² na matriz da Nilo Tozzo e construção de um novo Centro de Distribuição em Nonoai (RS).



2021

Nasce mais uma iniciativa do Grupo Nilo Tozzo, a BNT Securitizadora.

2022

Da experiência e da solidez do Grupo Nilo Tozzo, surge a NT Urbanismo.





Ele [Nilo Tozzo] é a figura exemplar da empresa, é a pessoa que leva o nome. Gostamos de zelar pelo nome porque tem uma pessoa por trás. E tem credibilidade, é um nome forte, que não é difamado, é confiável, é um facilitador no mercado. É uma pessoa firme, que transmite essa firmeza. Ele deixou um legado muito bom, principalmente na parte de sucessão. Os filhos seguiram a doutrina e respeito pela empresa porque tinham o pai por trás. E agora com os netos dá pra sentir que essa postura é muito forte. O sr. Nilo deixa um legado que a terceira geração se esforça pra manter. É um nome a ser zelado. Isso conta muito e pesa na hora de tomar qualquer decisão.

Rodrigo Scudela

(gerente comercial da Distribuidora Nilo Tozzo)



É uma responsabilidade muito grande. A gente não carrega a empresa pra frente, é o nome dele, é a história dele, e isso faz com que a gente queira trabalhar cada vez mais pra transformar isso, pra levar o nome pra patamares cada vez maiores. Talvez o sonho dele nem seria chegar em tantos lugares, mas que bom que ele conseguiu passar para que a gente conseguisse levar pra tantos lugares. Manter o nome dele é uma responsabilidade muito grande, mas não é um fardo, é uma responsabilidade no sentido de no mínimo manter o que ele fez e ampliar, com orgulho, não com peso. Acho que a palavra é orgulho, de poder ter a honra de levar esse nome para outros patamares.

André Vinícius Tozzo (neto)



Homenagem para sr. Nilo e dona Clementina na Nilo Tozzo Distribuidora.



“Eu acreditava muito nos filhos [quando fizemos acisão], eles foram atrás de representante, de distribuição, e deu tudo certo! Melhorou a vida da gente. Agora os netos estão tocando bem. Eles confiam em mim e eu confio neles. Honraram e estão honrando o meu nome.”



Sede da Distribuidora Nilo Tozzo em Cordilheira Alta/SC.



Sede da Distribuidora Nilo Tozzo em Nonoai/RS.

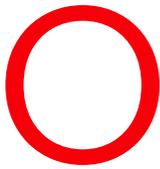
09

70

71

DEDICAÇÃO AO SETOR PÚBLICO

Capítulo IV



nome de Nilo Tozzo também é conhecido e respeitado pelos feitos na vida pública. O homem nascido no mesmo ano em que foi criado o primeiro Código Eleitoral do Brasil (1932), ingressou na política aos 50 anos de idade.

Em 1982, foi, pela primeira vez, candidato a vereador em Chapecó/SC. Filiado ao PMDB, Nilo, entre todos os concorrentes do pleito, foi o segundo candidato mais votado para o cargo, ficando atrás apenas de um colega de partido, Carlos Valentim Baldisarelli, o Chinho. A votação expressiva demonstra que Nilo já era uma figura presente na sociedade, principalmente nos distritos – como Cordilheira Alta, Nova Itaberaba e Guatambu, os quais, posteriormente, se tornaram municípios. Ele era conhecido em vários lugares por trabalhar com entrega de mercadorias e também por prestar auxílio para populações em situação de vulnerabilidade.



“Eu sempre procurei ajudar. Quando tinha serralha, tinha refugio de lenha. No inverno, eu mandava a lenha pra distribuir pro pessoal no bairro São Pedro [em Chapecó], porque eu fui lá e a gente via fogo de chão, muito frio, era triste de olhar, então eu mandava lenha pra eles se aquecerem.”

Ao mesmo tempo em que o olhar de Nilo se voltava para as pessoas mais simples da comunidade, seu trabalho na empresa o fazia ser admirado nos setores de maior influência na sociedade. Assim, tendo como características a humildade e a perseverança de quem tem potencial para prosperar, Nilo ficou dez anos no legislativo chapecoense. Foi reeleito em 1988, ficando entre os candidatos mais votados do partido.



Nilo Tozzo atuando no legislativo em Chapecó/SC.

Nilo dividia o tempo entre o trabalho na Ludovico Tozzo, da qual era sócio, as viagens de negócios, a família, e a política. E, justamente por conhecer a realidade empresarial e social, e por perceber as dificuldades enfrentadas nos pequenos distritos, encabeçou a luta pela emancipação de Cordilheira Alta.



Constituintes Municipais de Chapecó (1990).

Emancipação



“A maior obra que eu já fiz foi ajudar a criar o município!”

Durante o mandato de vereador, Nilo apresentou o projeto de emancipação de Cordilheira Alta, visando transformar o então distrito em município (Cordilheira Alta passou de comunidade a distrito de Chapecó no ano de 1963). Por Cordilheira já destinar a Chapecó uma boa arrecadação, especialmente devido aos empreendimentos da família Tozzo, houve resistência política por parte de alguns governan-

tes da época, principalmente na Prefeitura, e o projeto teve entraves. Porém, os criadores e apoiadores da ideia não desistiram.



Eu também era da comissão, mas o Nilo Tozzo foi o 'presidente de emancipar'. O Nilo batalhou, porque não foi fácil, foi negado e ele não desistiu porque queria que Cordilheira fosse município.

Waldir Graciani
(primeiro vice-prefeito de Cordilheira Alta)

A insistência de Nilo e da comissão que apoiava a emancipação vinha da percepção das necessidades do distrito, o qual recebia um baixíssimo investimento público. As estradas eram ruins, o sistema escolar e de saúde eram precários. Não havia uma estrutura pública para atender os cidadãos. Normalmente as próprias empresas instaladas no distrito precisavam dar esse suporte à comunidade. Quando alguém precisava de uma carga de terra, por exemplo, era a empresa dos irmãos Tozzo que colocava um caminhão à disposição. A rede de água era encanada da própria empresa para as residências, e a empresa precisava controlar situações como abastecimento, consumo e pagamento. O mesmo ocorria com a telefonia. A manutenção da rede de telefones era feita por um funcionário da empresa. Era como se o distrito não pudesse se manter – e muito menos avançar – se não fosse pelo suporte das empresas.

Foi ficando cada vez mais difícil manter o empreendimento instalado em um local que não oferecia estrutura adequada, mas para não sair dali e abandonar os moradores, a alternativa era continuar lutando

para transformar o distrito em município.



“Aqui não tinha nada, nada, nada... e não foi fácil. Foi marcado o plebiscito e eu fazendo campanha... aí foi cancelado... foi engavetado o processo, daí depois voltou de novo.”

O plebiscito foi realizado em março de 1992 e confirmou a vontade da população de emancipar. Com 60% de votos favoráveis, em 30 de março de 1992 foi oficialmente criado o município de Cordilheira Alta, por meio da Lei Estadual 8.557. A emancipação representou uma grande mudança.



Nós ganhamos muito por emancipar Cordilheira, porque estava abandonado. Onde moro, por exemplo [Linha Bento], eu nasci e me criei ali, sei o que passamos, se não tivesse emancipado Cordilheira, nossa comunidade ali poderia ter quatro, cinco moradores só. Daí emancipou, começou a melhorar as estradas, com estrada boa o trânsito ficou mais fácil, dava pra ir trabalhar nas empresas. Hoje tem lá umas 160 famílias e toda semana vem gente em busca de terreno.

Waldir Graciani

(primeiro vice-prefeito de Cordilheira Alta)



[O distrito de] Fernando Machado tem mil e poucos habitantes, quando que iria ter posto de saúde? E, com a emancipação, passou a ter. Então mudou muito! Se Cordilheira não tivesse virado município não teria metade do que tem, não teria crescido.

Altemir Pederssetti - Pico
(vice-prefeito na 2ª candidatura de Nilo)



Lei Complementar sobre o desmembramento do município de Cordilheira Alta de Chapecó e entrega de máquinas e veículos.



ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SANTA CATARINA

CREDECIAL.

Nos termos do artigo 7º da Lei Complementar nº 29, eu, Heitor Schö, Presidente da Assembleia Legislativa, credencio, de forma pessoal e intransferível, os membros da Comissão Emancipacionista do Distrito de Cordilheira Alta, do Município de Chapecó, abaixo relacionados:

Nilo Tozzo.....Presidente
Dimer Marconi.....Vice-Presidente
Antonio Domingos Dal Santo.....1º Secretário
Waldir Graciani.....2º Secretário
Vitson José Borté.....1º Tesoureiro
Edson Getúlio Cella.....2º Tesoureiro
Antonio Tozzo
Albano Breancini
Zelindo Dal Sauto
José Serafin Tecchio.....Membros do Conselho Fiscal
Antonio Felini
Marildo Breancini
Altomir Padernoffi
Henrique Giacomini.....Suplentes do Conselho Fiscal

PALÁCIO BARRIGA VERDE, em Florianópolis, 15 de novembro de 1990.


Deputado Heitor Schö
Presidente

Credencial para criação do município de Cordilheira Alta.

ESTADO DE SANTA CATARINA

LEI Nº 8.557, de 30 de março de 1992

Cria o Município de Cordilheira Alta.

O GOVERNADOR DO ESTADO DE SANTA CATARINA,
Faço saber a todos os habitantes deste Estado que a Assembleia Legislativa decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º - Fica criado o Município de Cordilheira Alta, desmembrado do Município de Chapecó, constituído pela área territorial do Distrito de mesmo nome.

Art. 2º - O Município de Cordilheira Alta terá como sede a vila de antigo Distrito de Cordilheira Alta, elevado a categoria de cidade.

Art. 3º - Os limites do Município de Cordilheira Alta são os seguintes:

"Partindo do quilômetro nove (9), nas proximidades da linha Sachet, daí descendo em linha reta pelo Rodeio Bonito, até encontrar o divisor do Município de Xaxim e seguindo o divisor do mesmo Município até encontrar a cabeceira do Município de Coronel Freitas, isto é, nos lotes rurais sob os nºs 61 e 63, e daí seguindo até o ponto de partida."

Art. 4º - O Município de Cordilheira Alta integrará a Comarca de Chapecó.

Art. 5º - A instalação do Município de Cordilheira Alta se realizará na forma estabelecida em Lei Complementar.

Art. 6º - O índice de participação do novo Município nos tributos estaduais será fixado pela Secretaria de Estado de Planejamento e Fazenda.

Art. 7º - Revogam-se as disposições em contrário.

Art. 8º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Florianópolis, 30 de março de 1992


Wilson Pedro Kleinubing
GOVERNADOR DO ESTADO

Lei Estadual que criou o município de Cordilheira Alta em 1992.

Com o município criado, o próximo passo era realizar uma eleição para escolher os primeiros vereadores, prefeito e vice da história de Cordilheira Alta.

Primeiro prefeito

A história de Cordilheira Alta já vinha sendo escrita pela família Tozzo. Até mesmo o nome Tozzolândia chegou a ser cogitado para a cidade – e acabou virando apelido carinhoso –, tamanha a força e representatividade da família no local. Ludovico Tozzo havia sido vereador antes do Nilo e também era um entusiasta da emancipação. Chegou a ter o nome cogitado para ser o primeiro prefeito da cidade, mas já estava com problemas de saúde e quis que Nilo fosse o candidato. Infelizmente não chegou a ver o irmão assumir, pois faleceu no fim do ano de 1992 e foi enterrado na véspera da posse, em 01/01/1993.

As primeiras eleições para a Prefeitura de Cordilheira Alta tiveram candidatura única. Nilo Tozzo foi candidato a prefeito e Waldir Graciani, a vice.



O Nilo lutou muito pela emancipação. Na escolha, como ele queria muito que fosse município, achávamos que ele tinha que ser o primeiro prefeito, até quem era de outro partido concordava, e deu certo. Ele sempre foi um homem de ajudar o povo e que queria que Cordilheira crescesse. O que ele fez, o que ele lutou, eu acho que foi a escolha certa pra ser o primeiro prefeito. Ele já com uma empresa como ele tinha, estar se incomodando pra ser prefeito...

é porque queria mesmo que a coisa andasse.

Waldir Graciani

(primeiro vice-prefeito de Cordilheira Alta)

Após serem eleitos, começava o trabalho de levantar, de fato, o município. O desafio era a falta de recursos e equipamentos para começar. Algumas máquinas foram herdadas de Chapecó, mas estavam em más condições e necessitavam de reparos. De resto, era preciso buscar verba com o governo do Estado, organizar e investir.

Havia muito a ser feito. As ações precisavam suprir o básico: abastecimento de água, energia elétrica, melhorias das estradas, estruturação da sede, melhores condições para a saúde e educação.

O primeiro mandato da existência de um município exigia resiliência, persistência e a tomada de importantes decisões. Nilo Tozzo e Waldir Graciani trataram de ampliar o abastecimento de água e providenciar o posteamento de luz. A administração asfaltou a avenida Fermino Tozzo, uma das principais vias da cidade, iniciou a sede da Prefeitura com a compra do terreno e construiu garagem para as máquinas – o maquinário era uma das principais preocupações, pois, só por meio delas, era possível providenciar melhorias significativas à localidade.

Foram adquiridos os primeiros maquinários: um caminhão, uma carregadeira e outros equipamentos importantes para arrumar as estradas e auxiliar os moradores que trabalhavam com a agricultura – a qual era muito forte no município. Algumas estradas do interior receberam até mesmo calçamento.



“Tinha acesso que não conseguia nem passar, estrada que não passava nem carroça. E depois que entrei coloquei até ônibus a passar pelas estradas. Realmente arrumei as estradas do interior.”

A melhoria das estradas era uma das principais propostas de campanha e tinha o objetivo de gerar melhorias não só para a economia, mas também facilitar o acesso à saúde e à educação. Na época, muitos nem acreditavam que era possível transformar as estradas da forma como foi feito.



Na primeira eleição, quando fui vereador, embora não fosse do mesmo partido, o seu Nilo me dizia que podia falar pras pessoas ali numa parte da linha [Fernando Machado], bem no interior, que ia passar ônibus, mas tu falava e passava por mentiroso porque era uma estrada que passava só carroça. Quem é que ia acreditar? Era um canto ali, uma estrada que quando chovia era uma aventura. E já no primeiro mandato dele, ele arrumou a estrada, o ônibus começou a passar ali pra pegar as crianças pra escola. O município mudou do dia pra noite.

Altemir Pederssetti - Pico
(vice-prefeito na 2ª candidatura de Nilo)

O ônibus que buscava os estudantes para a escola também era uma grande novidade. Com estradas melhores e dando condições para o deslocamento, foi possível implantar um novo sistema de ensino em Cordilheira Alta, um sistema que estava crescendo nos anos 90 no Brasil, e que substituía as escolas multisseriadas por escolas nucleadas. Antes disso, haviam muitas pequenas escolas no interior – para as quais os alunos normalmente iam a pé devido às más condições dos acessos, por isso as escolas precisavam ser ‘perto de casa’ – que abrigavam estudantes de diferentes idades e anos escolares, os quais acabavam estudando juntos, em um mesmo espaço, mesmo que estivessem cursando séries diferentes. Com a mudança, houve a unificação, ou seja, a centralização do ensino em poucas escolas, mas com divisão das séries. Os alunos eram transportados em ônibus ofertado pelo Município e estudavam em classes unisseriadas. Em Cordilheira Alta foram criadas três escolas nucleadas, uma na área urbana e outras duas nas principais comunidades: Linha Bento e Linha Fernando Machado.



Foram feitas as coisas mais necessárias, mas mais até do que aquilo que a gente pensou em fazer. É que o Nilo era de cobrar as coisas, era um cara muito certo. A administração foi um sucesso!

Waldir Graciani
(primeiro vice-prefeito de Cordilheira Alta)



O que meu pai fez, se fosse outro não faria, pegar o município do zero... Ele tocou como se fosse a empresa.

Era um privado-público. Se não tivessem sido municípios, todos esses pequenos estariam distritos abandonados.

Jair Pedro Tozzo - Chico (filho)

Os feitos de Nilo Tozzo no setor público são motivo de orgulho para os familiares e amigos, e não só serviram como ainda servem de modelo para aliados e até mesmo para adversários políticos.



No primeiro mandato, eu era oposição e, mesmo assim, todos os projetos foram aprovados por unanimidade.

Altemir Pederssetti - Pico
(vice-prefeito na 2ª candidatura de Nilo)



Ele fez na prefeitura como se fosse empresa: funcionários, horário de trabalho, manutenção de caminhões, manteve como se fosse dele.

Luiz Antônio Tozzo
(sobrinho)

Segundo mandato na Prefeitura e os avanços no Município

Quando o verde, cor da esperança
E a bravura decidem se unir
Girando a engrenagem do futuro
É que se pode prosseguir.
O sol nascendo entre as montanhas
Com os ventos da igualdade
Salve a liberdade
E o chão onde nasci
Cordilheira Alta sou feliz aqui!

Hino de Cordilheira Alta

Após o mandato de 1993 a 1996, como na época não havia reeleição para cargos do Executivo, Nilo não participou do pleito. Ele voltou a concorrer nas eleições de 2000. Desta vez não era candidatura única, mesmo assim, foi eleito e assumiu o mandato de 2001 a 2004, confirmando um feito que Nilo expressa com orgulho, de nunca ter uma derrota política nas eleições que disputou. Na segunda gestão, assumiu ao lado do vice-prefeito Altemir Pederssetti, o Pico, que na primeira eleição municipal era vereador de oposição, mas que apoiara o Nilo como candidato único por tudo o que ele já representava para Cordilheira Alta. Juntos, tiveram mais um ciclo de sucesso na administração pública.



Nilo Tozzo e o vice, em atividades da Prefeitura.



Ele era um prefeito que queria resolver, uma pessoa muito dedicada no que tinha pra fazer. Ele é um cara certo, rígido. Eu tinha que ir todas as tardes na prefeitura, ele cobrava que estivesse lá. Por outro lado, sempre que eu levava uma demanda, ele já encaminhava pra resolver. O jeito dele administrar, tinha que ser sempre assim [na política]. O salário da prefeitura era uma migalha pra ele... O que o Nilo fazia era porque não queria ver o município ir mal.

Altemir Pederssetti - Pico
(vice-prefeito na 2ª candidatura de Nilo)

Com o município um pouco mais estruturado, foi possível ampliar ações e fazer novos investimentos para Cordilheira Alta continuar crescendo. Sob a coordenação de Nilo Tozzo, a gestão de 2001 a

2004 investiu na aquisição de equipamentos e prestação de diversos serviços à comunidade, em todos os segmentos. Foram investimentos em infraestrutura, tais como reforma de máquinas, aquisição de veículos e equipamentos, conservação de estradas, construção de muros, pontilhões, realização de britagem e tubulação; e atenção a tudo o que envolve o meio rural, desde contribuições para inseminação artificial, distribuição de dejetos suínos, aquisição de máquinas, equipamentos e insumos, serviços de terraplenagem, até o apoio à telefonia rural, construção e ampliação de banheiros e varandas no interior, construção de fontes de água e ampliação das redes de água potável, criação da Casa Colonial e realização de eventos como feiras agrícolas. Na saúde, houve a ampliação na contratação de profissionais e nos programas de atendimento à população.

Além disso, foram realizadas ações visando a cidadania e qualidade de vida da população, como a construção de casas populares, organização e aproximação de serviços do Incra, alistamento militar, emissão de CPF, carteira de identidade, título de eleitor e carteira de trabalho, melhoria em loteamentos, investimento em serviços de segurança e coleta de lixo, geração de empregos por meio do apoio a novos empreendimentos industriais e realização de audiências públicas para garantir a participação popular. Também ocorreram diversas melhorias na educação – reformas, construções de salas de aula, aquisição de equipamentos escolares e de informática, de parques infantis e de veículos para a educação, investimentos em capacitação, a construção do Centro de Educação Infantil e implantação da Escola Integral com informática, administração rural e agroecologia.

O esporte e a cultura receberam incentivos com apoio e realização de campeonatos de várias modalidades, organização de caminhadas ecológicas e de olimpíadas, escolinha esportiva, criação da Casa da

Cultura, realização de festivais, noites culturais, concertos musicais e até mesmo a produção de um livro sobre o município – Cordilheira Alta pelos caminhos da memória – e a criação do Hino Municipal: Cordilheira Alta, sou feliz aqui.



Cordilheira Alta, após a emancipação, foi se transformando pouco a pouco.



Ele foi a pessoa que deu ares do que era Cordilheira Alta. Quando se fala em Cordilheira Alta, obviamente Nilo Tozzo é a figura que vem à mente. Ele abriu terrenos, trouxe empresas, é um exemplo pro município e como pessoa.

Rodrigo Scudela
(gerente comercial da Distribuidora Nilo Tozzo
e morador de Cordilheira Alta)



Em Cordilheira Alta, a pessoa que mais se destacou naquela época foi o Nilo Tozzo, na política e na parte comercial. Ele sempre foi uma pessoa bem coerente. Quando levantava alguma coisa era pra sair poeira, era determinado.

Nelson Locatelli
(amigo e aliado político)

Dedicação e reconhecimento

Todas essas ações fizeram com que a administração municipal de 2001 a 2004 encerrasse o mandato com quase 95% de aprovação popular³. Ao longo da gestão, o Índice de Desenvolvimento Social (IDS) de Cordilheira Alta foi um dos mais altos de Santa Catarina, alcançando a maior pontuação que um município poderia receber (1,0) e ficando entre os 41 melhores municípios do estado.

³ Índices obtidos em Pesquisa de Opinião Pública realizada pela empresa Méritus, a qual apontou que 76,77% dos entrevistados estavam satisfeitos com a Administração, 17,65% a consideravam regular e apenas 4,58% discordavam da atuação.

O IDH – Índice de Desenvolvimento Humano – colocou Cordilheira entre os 175 melhores municípios do Brasil. O prefeito Nilo Tozzo também recebeu dois prêmios do Sebrae – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – como Prefeito Empreendedor, como forma de reconhecer o trabalho em prol do desenvolvimento das micro e pequenas empresas e da geração de emprego e renda no município nos anos de 2002 e 2003.



Prêmio de Prefeitura Empreendedora e Prefeito Empreendedor concedidos pelo Sebrae.

A figura de Nilo Tozzo se consolidou em cada ação, e sua atuação política foi – e ainda é – um grande exemplo. Para os filhos, sobrinhos, netos, aliados políticos, todos os que acompanharam de perto seu trabalho ou que conhecem sua história, a vida pública de Nilo Tozzo é fonte de inspiração.

Ao todo, foram 18 anos na política, sendo dez como vereador e outros oito como prefeito. Quase duas décadas plantando lutas, dedicação, trabalho e resiliência, para colher realizações e conquistas para toda a comunidade.



“Eu fazia pro bem do pessoal, não era por causa minha. Eu sempre trabalhei pra melhorar a vida das pessoas”.



Ele não era muito de brincadeira, era de fazer o certo. Uma passagem na vida pública que ninguém pode falar nada. Um homem irretocável. O que ele falava, ele cumpria. Ele é da época que a palavra valia muito mais do que o papel.

Gelson Sorgatto
(amigo e aliado político)



Quando o vô era prefeito, volta e meia eu ia junto com ele no interior acompanhar o serviço, porque o vô era de ir, de acompanhar, de vistoriar as obras. Pra Cordilheira Alta, ele se doou.

Diogo Nilo Tozzo (neto)



O vô emancipou o município e eu amava ir na prefeitura, no gabinete dele. Ele recebia a todos super bem, lembro dele com muita generosidade e carinho.

Natália Silvia Tozzo (neta)



Ele foi de grande importância para a comunidade. Cordilheira é o que é hoje por causa dele.

Silvânia Tozzo (filha)



O tio tem o sentimento de ganhar a política e mostrar que as coisas tem que ser diferentes. Ele deu um horizonte pra quem assumiu depois dele. Foi um exemplo.

Carlos Alberto Tozzo - Picasso
(sobrinho e afilhado de Nilo, ex-vereador
e ex-prefeito de Cordilheira Alta)



Sr. Nilo tem orgulho do trabalho realizado à frente do Município de Cordilheira Alta.

93

94

95

PARTICIPAÇÃO NA COMUNIDADE

Capítulo V

Se o trabalho é uma das grandes marcas de Nilo Tozzo, isso se deve principalmente às ações em prol da comunidade. O reconhecimento e admiração que ele recebe advém do quanto as pessoas percebem o esforço abnegado, a dedicação pelo bem coletivo. Na política, Nilo foi lutador, foi gestor, foi realizador, foi devotado. Mudou o destino de uma localidade e de toda uma população. No universo empresarial, foi destemido, foi inovador, foi desprendido, foi agregador. Gerou empregos, criou oportunidades e construiu um império que transformou não só a vida de sua família, mas a de muitas outras. Na sociedade, Nilo é conhecido como um homem sério, correto e de bom coração. É participativo na comunidade, uma figura ativa e colaboradora em diferentes segmentos. Ele fez parte de muitas histórias. Marcou, e ainda marca, muitas vidas.

Presente e colaborativo em qualquer época

Com pouquíssimos veículos na comunidade na década de 50, estradas ruins, e num tempo em que tudo parecia ser ainda mais distante, Nilo começou a ajudar as pessoas com o deslocamento. Com o caminhão da empresa, levava grupos para os bailes no sábado à noite, voltava de madrugada, muitas vezes dormia no próprio caminhão, e domingo, bem cedo, fazia o transporte das pessoas para a missa, em Xaxim. Foram muitas viagens quando ainda era solteiro, levando as pessoas para lá e para cá.

Já casado, continuou ajudando a comunidade com o transporte, principalmente quando tinha casamento. Levava os noivos na frente e os convidados na parte de trás do caminhão para que chegassem até a cerimônia e festividades. Por causa disso, muitos casais convidavam Nilo e Clementina para batizarem seus primogênitos. Eles chegaram a batizar sete crianças de uma só vez. Além disso, eram frequentemente convidados para serem padrinhos de crisma e de casamento.



“Pena que não anotei todos os afilhados, porque deu mais de cem. A gente achava que ia lembrar, mas são muitos, acaba esquecendo.”

Nilo também fazia diferença na vida das famílias nos momentos de maiores necessidades. Costumava buscar as parteiras em outras cidades quando necessário. Nesses casos, usava um jipe. Muitas vezes também levou as pessoas em atendimentos médicos, quando as opções de locomoção para a maioria da população eram o cavalo ou a carroça. Tendo um veículo à disposição, ele fazia o transporte com mais rapidez e comodidade para a comunidade, principalmente em casos de maior urgência. Nilo também foi, muitas vezes, o motorista do time de futebol. Chegou a jogar, mas pouco. Mesmo assim, era um grande incentivador do esporte.



Os Tozzo compraram uma terra, botaram um campo de futebol e fizeram o Tozzo Futebol Clube. No campeonato do cinquentenário de Chapecó, o time de Cordilheira ficou campeão. Era o Toni [Antônio Tozzo] e o Nilo que administravam, incentivavam. Pegavam jogadores da região. Tinha jogador que vinha a cavalo pra jogar em Cordilheira. Às vezes tinha jogador que morava mais longe, em Xanxerê, e não podia vir, daí eles iam buscar. Isso que não se ganhava nada, só a taça, nem gasolina ganhava. Tudo era feito por gostar do time. O Nilo não jogava, mas cuidava do time.

Olíde de César (amigo)



O time de futebol foi apoiado por Nilo Tozzo e família.

A presença na comunidade era tão marcante que, durante um período, o distrito de Cordilheira Alta chegou a ser conhecido como Vila Tozzo. Todos conheciam a família que, de alguma forma, era o núcleo e o pilar daquela comunidade.



A família sempre participou, ajudou a comunidade pra ela se desenvolver, pra melhorar as coisas no distrito e depois no município.

Luiz Antônio Tozzo (sobrinho)



A comunidade deve muito ao Nilo. Como cidadão, como empresário, ele dedicou uma parte da vida pra atender a população de Cordilheira Alta. E zelava pelos bens, pelo patrimônio do município. É difícil encontrar pessoas que dedicam uma parcela da vida a cuidar dos interesses da população.

Gelson Sorgatto (amigo e aliado político)

Uma das grandes contribuições sociais da família de Nilo Tozzo foi não ter desistido de Cordilheira Alta, mesmo nos tempos mais difíceis. Abandonar aqueles que fizeram os empreendimentos da família crescer podia até ser uma opção viável do ponto de vista econômico e quando analisado racionalmente, mas, emocionalmente, seria deixar para trás toda uma história de fraternidade e apoio mútuo. Assim, o impacto de Nilo Tozzo e família em Cordilheira Alta é proporcional ao carinho e admiração que eles recebem até hoje.



Eles se doaram a fazer tudo isso, porque de valores [dinheiro] eles não precisavam, foi uma doação da pessoa mesmo. Sr. Nilo sempre batalhou, quis ver as coisas acontecerem, tá no sangue dele. Na comunidade participou em tudo, igreja, sociedade, política, futebol. Ele sempre esteve envolvido.

Eloá Conceição Zanluchi - Lala
(gerente financeira da Distribuidora Nilo Tozzo e
moradora de Cordilheira Alta)



Ele gosta muito do município, do lugar. Tem um carinho grande por tudo aí. [Nilo] Trabalhou pra comunidade, ajudou muita gente, emprestou dinheiro, não recebeu [de volta] ... Ele ajudava de bom coração, até hoje ele é assim, uma pessoa muito sentimental. Contribuiu muito com a igreja, com a política, com tudo.

Carlos Alberto Tozzo - Picasso
(sobrinho e afilhado de Nilo, morador de Cordilheira Alta)



[Nilo] Sempre foi um exemplo de pessoa, dedicado, bem quisto na sociedade e respeitado.

Rodrigo Scudela
gerente comercial da Distribuidora Nilo Tozzo
e morador de Cordilheira Alta)

Dos grandes feitos às pequenas contribuições

Nilo Tozzo é um homem de grandes realizações. É considerado o principal responsável por tornar Cordilheira Alta município, construiu um grupo empresarial de destaque junto com os filhos e netos, oportunizou muitos empregos, transformou a cidade com melhorias em estradas, na saúde e na educação. Mas ao longo de sua trajetória, também realizou pequenas contribuições que tiveram um grande valor para quem as recebeu. É fácil encontrar alguém que teve a vida transformada por uma (boa) ação de Nilo Tozzo, por menor que seja.

Em 1965, quando ter um carro era um luxo e, ao mesmo tempo, uma necessidade para amenizar as dificuldades de deslocamento do

dia a dia no interior, um grande amigo de Nilo, Avelino de César, revelou um desejo: comprar um carro para o filho, Olide, que estava voltando do quartel. Estava feita a encomenda. Em uma das viagens com o caminhão carregado de feijão, Nilo foi junto com o motorista até São Paulo. Lá, comprou um jipe e voltou até Cordilheira Alta rodando. Na época, o caminho ainda era difícil, nem todas as estradas tinham asfalto, mas o jipe aguentou. Ao chegar no município, entregou o carro, mas a tarefa ainda não estava concluída. Olide não sabia dirigir. Coube ao Nilo ensinar.



Tinha um campo de futebol ali perto de onde hoje tem o posto de combustível. Foi ali que ele me ensinou a dirigir.

Demos umas voltas e logo ele viu que eu tinha pegado o jeito. Em uma hora, mais ou menos, eu aprendi. Na época dava pra contar numa mão quem tinha carro. Então, com o jipe, eu tirava o meu sustento, levando gente pros bailes, pro cinema em Xaxim. E depois que aprendi a dirigir o jipe, pegava qualquer coisa. Até hoje eu dirijo. E aprendi com o Nilo.

Olide de César (amigo)

Nilo ensinou o filho de um amigo a dirigir numa época em que já era um homem ocupado, de negócios, sócio da maior empresa do distrito, pai de família. Mesmo assim, não deixou de estender a mão, num gesto simples, que lhe tomou cerca de uma hora, e que transformou a vida de alguém que passou a tirar da direção o sustento. Continuava sendo a pessoa que levava casais para seus próprios casamentos, pacientes ao médico, e mais uma infinidade de ações que a memória deixou cair no esquecimento, mas que ficaram guardadas

nos corações. Tanto com ações para o coletivo quanto individuais, ele nunca deixou de contribuir com a sociedade.

Com mais de 90 anos de idade, o homem que foi vereador, emancipador, prefeito, patrão e empresário, obviamente se destaca como uma figura de poder. A despeito de tudo isso, é de uma simplicidade ímpar. A presença dele na comunidade até hoje é cotidianamente marcada por idas à missa, jogos de bocha e baralho e por visitas aos amigos.



Ali em casa, por exemplo, o sr. Nilo, a dona Clementina e o Chico, quando carneamos porco eles gostam de vir comer torresmo. Esses dias o Chico e o Nilo foram de manhã pra comer torresmo e ficaram até a noite, começamos a jogar baralho. Às vezes a gente se reúne em casa pra jogar baralho de tarde e fica pra janta. Meu pai era muito amigo de todos eles, gostava de cantar e fazer festa e foram ficando amigos. Ele faleceu e a amizade continuou.

Sempre foi e sempre será.

Olide de César (amigo)



Ali foi um conjunto, porque a dona Clementina até hoje faz bolo e traz [na empresa] pra gente. O seu Nilo vem aqui [na empresa] de bengala, passa em tudo que é sala, conversa. Joga baralho, fica cartecendo pelo interior de Cordilheira, leva uma vida saudável, dirige, atravessa a 'BR'. A mente dele é fantástica.

Eloá Conceição Zanluchi - Lala
(gerente financeira da Distribuidora Nilo Tozzo
e moradora de Cordilheira Alta)



Nilo Tozzo com crianças em escola do município.

Cada depoimento sobre Nilo Tozzo e sua família é recheado de afeto, respeito e admiração pelo homem dedicado e simples. Nem os títulos e nem o patrimônio mudaram a simplicidade do menino criado no campo pelos avós, do adolescente que fazia serviço braçal de adulto, do rapaz que se botava na estrada com um caminhão e precisava vender o feijão para comprar outras mercadorias. Nada alterou seu jeito modesto de levar a vida. Não houve espaço para soberba ou prepotência. Pelo contrário, o que prevalece é a presença de um bom coração, da vontade de ajudar e de ver acontecer, ao seu redor, nos pequenos e grandes gestos, um mundo melhor.



O pai é um homem forte, de muito pouco sorriso na boca, mas o coração grande. Ele como pessoa sempre procurou ajudar todo mundo, de uma forma honesta, correta.

Jair Pedro Tozzo - Chico (filho)



Me marcou muito que o tio sempre foi uma pessoa que se eu precisasse dele ou de alguma coisa, podia chegar de cabeça erguida que ele nunca dizia que não.

**Carlos Alberto Tozzo - Picasso
(sobrinho e afilhado)**



O vô e a vó nunca deixaram de estender a mão pra ninguém. O vô nunca foi aquela pessoa de fechar o vidro. Ele tá andando e olhando pra todos os lados.

Marcelo Augusto Tozzo (neto)



Sr. Nilo sempre foi pra mim que nem um pai, porque sempre me ajudou em tudo. Se precisava alguma coisa que ele podia fazer pela gente, sempre dava uma mão, tanto ele como a dona Clementina, os filhos e netos.

Olíde de Césaró (amigo)



O vó sempre tratou bem as outras pessoas e sempre nos instigou a fazer isso, independentemente de quem for.

André Vinícius Tozzo (neto)



Ele é um homem nobre, de um coração nobre, de um legado nobre. O que eu desejo é que ele possa se sentir muito honrado e realizado com tudo o que ele fez, que possa, nessa altura da vida, estar com a sensação de missão cumprida, porque ele fez muito e fez muito bem.

Natália Silvia Tozzo (neta)

105

106

107

PRESENÇA DA FÉ

Capítulo VI

*A alma generosa prosperará
e aquele que atende também
será atendido*
Provérbios 11:25

O escapulário de Nossa Senhora do Carmo está sempre com Nilo, na carteira, desde que ganhou o primeiro, da avó, quando fez a primeira comunhão. Junto com o presente, ele recebeu da avó a herança de fé e devoção. Quando chegou em Santa Catarina já carregava consigo um escapulário. Nunca mais ficou sem. Também carrega, no pescoço, presa a uma corrente, a medalhinha de Nossa Senhora Aparecida. Em muitos momentos da vida, recorreu às santas ou a São Cristóvão – padroeiro dos motoristas.



“Teve algum que me deu força, porque eu passei por diversos perigos, caminhão a gasolina, sem freio, não foi fácil... Acho que tô aqui mesmo porque teve algum Santo que me ajudou, e Deus, a fé em Deus.”



Símbolo da fé: escapulário está sempre na carteira de Nilo.



“No hotel que eu dormia no centro de São Paulo tinha uma igreja do lado, com a Nossa Senhora Aparecida, então eu pedia pra ajudar na estrada e pra cuidar da minha família.”

Independentemente da dificuldade, a fé se manteve, inabalada. Assim, até os dias de hoje, os desafios são enfrentados com força e otimismo, em uma certeza fervorosa de que, de alguma forma, tudo dará certo.



Tudo o que o vô enfrentou e ele ainda tá firme, tentando nos motivar. Perdemos o tio e vai ser o pior ano nosso da agricultura, desde que eu me lembro, em questão de clima, e ele tá firme. Hoje pediu se tinha chovido lá [no Mato Grosso], pediu das contas, e falou que não tem que desanimar, que é assim mesmo. Ele sempre foi otimista. Nunca vi ele sendo pessimista, sempre pra frente, ele e a vô.

Diogo Nilo Tozzo (neto)



Ele [o vô] se agarrou muito nessa espiritualidade. Tem lá a santinha que é quase uma mãe pra ele, ele tem uma fé muito forte, inabalável. Por isso tem essa visão de crer no que não consegue ver com os olhos, isso que faz ele ter essa conexão muito forte. A vô é muito de rezar também. Formam um casal muito forte espiritualmente falando, com muita fé.

André Vinícius Tozzo (neto)

O rapaz que não se separava do escapulário encontrou a moça que tinha a reza como princípio. Era na casa de Clementina que se realizavam as missas quando os padres vinham de outras localidades.

A primeira missa rezada em Cordilheira Alta foi há aproximadamente 80 anos, na casa dos Dal Santo. Foi uma celebração de primei-

ra eucaristia, com um padre vindo de Joaçaba/SC – distante cerca de 150 km. Eventualmente, a comunidade recebia a presença do Bispo, que vinha de Palmas/PR, fazendo cerca de 100 quilômetros a cavalo.



A primeira missa que rezaram em Cordilheira foi na nossa casa. A falecida mãe dava catequese pras crianças. Vinha o padre, de fora, de cavalo, e ia ali em casa rezar a missa.

Izolde Dal Santo Beé
(irmã mais velha de Clementina, cunhada de Nilo)

Com os líderes religiosos tão distantes fisicamente, nem sempre era possível ter missa, mas a reza não faltava. As famílias mantinham acesas as chamas da fé indo nas casas fazer ‘filó’ – um serão, uma visita aos vizinhos da comunidade –, sendo que a primeira coisa a fazer quando chegavam era rezar.

A fé que foi ensinada desde a infância, tanto para Nilo quanto para Clementina, seguiu acompanhando o casal em todos os passos, em cada momento da vida. Quando Nilo viajava, Clementina rezava. Quando o casal ia junto para o Mato Grosso, de camionete, Nilo ia dirigindo e Clementina rezando. A família costumava passar as férias no litoral catarinense. O trajeto de Cordilheira Alta até a praia era feito de carro e com muita reza, normalmente o terço inteiro.



Eu gostava de ir de Chapecó com eles pra praia, ia rezando o terço inteiro. Começava lá pelos 20 quilômetros e terminava quando a vó dizia que terminava, mas tinha que rezar. Pra mim era divertido. A vó pra mim é um exemplo de fé e ela tem uma disciplina

muito grande com o sagrado dela, ela faz as rezas dela todos os dias e não dedica 5 ou 10 minutos, fica uma hora ali. Foi como uma porta que ela abriu pra eu também poder acessar essa área da vida. Tem uma fala que diz que nós somos o resultado de orações das nossas avós, então é bem importante a oração dela pra mim. E o vô, tudo o que ele fez tem muita força e dedicação.

Natália Silvia Tozzo (neta)



Toda manhã a vó escuta a missa na TV, o vô acorda, vai lá e reza também. A vó reza de manhã, de meio-dia, de noite... ainda bem que ela reza por nós. Quando sai pra viajar, ela reza. Quando eu ia com eles de carro, a primeira coisa que faziam no carro era rezar, sempre. O vô tem uma fé... ela e ele.

Diogo Nilo Tozzo (neto)

Os atos de fé continuam, mesmo que as viagens agora sejam mais rápidas, de avião; mesmo que o tempo em casa seja muito maior do que o que é passado nas estradas. A religiosidade é mantida dentro de casa com as imagens dos santos de devoção. Em uma das propriedades da família, a sede do lago, em Cordilheira Alta, uma capelinha é mantida com todo o carinho e respeito. Na Distribuidora, um cantinho voltado para a fé também demonstra a importância da conexão com o sagrado, que ultrapassa o individual e alcança o coletivo, na intenção de manter todos protegidos.



Capelinha com Nossa Senhora no Lago Nilo Tozzo.



Dona Clementina cuida com carinho do espaço destinado à fé na Distribuidora Nilo Tozzo.



Nossa Senhora do Carmo e Nossa Senhora Aparecida,
santas de devoção de Nilo Tozzo.



“Muitas vezes eu penso em tudo o que
passei, então eu dou graças a Deus por
estar aqui.”

Logo cedo, pela manhã, Dona Clementina liga a TV em um canal cristão. Costuma acompanhar o terço em dois horários, em canais diferentes, quando termina um ela já muda para o outro. Mesmo quando desliga a TV, ela segue com as orações. Para ela, rezar o terço é uma forma de se manter firme na fé, de ter esperanças no futuro, de superar as dificuldades e de agradecer. Após a perda de um filho, em

outubro de 2023, a reza tem sido o maior alento.



Se não fosse a fé eu não sei se a gente estaria aguentando. A fé é tudo. Temos que agradecer a Deus tudo o que tem... o que aconteceu com o Aumir... parece que a gente não lembrava de agradecer a Deus tudo o que tinha, então agora tem que agradecer... Tem até demais, porque o que vai levar? Não leva nada.

Clementina Maria Tozzo (esposa)

A dedicação ao religioso fortalece a família de Nilo e Clementina Tozzo. Além dos terços acompanhados pela TV, o casal tem outro ritual matinal:



De manhã cedo nós rezamos Pai Nosso, Ave Maria, todas as manhãs, juntos, de mãos dadas.

Clementina Maria Tozzo (esposa)

Não há dúvida de que celebrar a fé, de mãos dadas, fortalece a conexão e mantém unido o casal, mais de seis décadas após o casamento. Embora não dispense tanto tempo para as orações, Nilo carrega com fervor os objetos com as santas de devoção. E é por meio das atitudes que ele encontra formas de expressar o amor de Cristo, principalmente no zelo e cuidado com tudo e com todos ao seu redor.

115

116

117

FAMÍLIA

Capítulo VII

Nilo Tozzo é um homem zeloso no trabalho e dedicado à sociedade, logo, tudo isso também pode ser visto na atenção à família. Mesmo tendo passado mais tempo na estrada e na atuação política e empresarial do que, propriamente, dentro de casa, o cuidado com os familiares transcende a distância física e pode ser sentido em cada gesto.



Ele sempre teve amor pela gente, tanto por mim quanto pelos filhos, não tem o que pague, porque é demais. Não dá pra por defeito.

Clementina Maria Tozzo (esposa)

Foi em um Sete de Setembro que Clementina dançou com Nilo pela primeira vez, em uma matinê. Dança após dança, ela ia se interessando mais pelo jovem comerciante, mesmo não acreditando que ele iria gostar de uma moça do campo. Ainda assim, entusiasmada, Clementina acabou chegando tarde em casa, o que acarretou em uma briga com a mãe. A família já conhecia Nilo por causa dos trabalhos que ele realizava na propriedade – em épocas de lavrar ele ia ajudar, ou ia puxar milho com a carroça – e a mãe de Clementina tinha simpatia pelo rapaz porque algumas vezes ele ficava lá para almoçar durante o trabalho e era ‘comilão’, o que, segundo ela, era uma qualidade, pois dava gosto de cozinhar para alguém que comia tão bem. Mesmo assim, chegar tarde em casa, para uma jovem de 16-17 anos, não era uma opção. Dali em diante, o casal seguiu a cartilha dos relacionamentos dos anos 50. Dos passos de dança, passaram para o namoro, em casa, e depois para o noivado.



“Eu ia namorar e a sogra ficava cuidando até eu sair.
Era uma época que a gente respeitava a sogra, o sogro
e a própria namorada.

Eu gostava que a Clementina era uma mulher séria,
trabalhadeira, gente boa, simples e sincera.”

Ansiosa para firmar compromisso, Clementina dizia ao Nilo que só poderiam pegar na mão depois de noivar. O rapaz não perdeu tempo e, numa noite, em frente a uma grande janela da casa dos pais de Clementina, fez o pedido de casamento. A moça aceitou e ganhou

as primeiras joias da vida: uma aliança e um anel, que o próprio Nilo escolheu.



Eu nunca tinha ganhado uma joia e eu gostava muito, achava lindo que as professoras usavam.

Queria ser professora só para poder comprar também. Daí ganhei o anel e a aliança, meu Deus que felicidade! Depois que casei, eu tinha uma máquina de costura que ganhei, daí vendi pra comprar as pulseirinhas de anos de casado. Com a máquina comprei as primeiras, depois eu trabalhava e fui comprando. Mas olha a ideia, vender a máquina para comprar joia!

Era uma pulseirinha para cada ano, acho que já estava quase em 50, eu não usava sempre, mas usava quando saía, aí depois parei de comprar e comecei a não gostar mais de joia, agora uso só a aliança. Depois roubaram as joias na casa da minha filha... se foi a máquina de costura!

Clementina Maria Tozzo (esposa)

O casamento e os filhos

O casamento foi em 19 de maio de 1956. A cerimônia aconteceu em uma igreja de Chapecó. Depois, teve festa: churrasco, baile e vinho servido em um balde. O casal foi morar em uma pequena casa que pertencia à empresa em que Nilo trabalhava (Ludovico Tozzo). O local era emprestado, e a realidade era bem diferente da que Clementina estava acostumada no interior.



Quando a mãe casou, ela queria que o pai fosse embora de volta com ela pro interior, porque no nono eles compravam tudo de 30-40 quilos, quando veio aqui pra cidade o pai comprava aos poucos, então ela queria voltar pra terra e plantar porque achou que iam passar fome. Mas ela foi uma guerreira.

Jair Pedro Tozzo - Chico (filho)



Casamento de Nilo e Clementina, em maio de 1956.

Em outubro de 1958 nasceu o primeiro filho do casal, Neloir Antonio Tozzo, o Nico. Dois anos depois, também no mês de outubro, veio o segundo filho, Aumir Fermino Tozzo. Apenas 20 meses se passaram quando, em junho de 1962, Clementina deu à luz o terceiro menino, Jair Pedro Tozzo, o Chico.



Primeiro não vinha, depois veio um atrás do outro... daí nessa época eu ficava em casa, eu só ia na loja quando tinha mulher pra atender. Mas ficava em casa, imagina, com três! Ainda tinha uns chiqueirinhos de porco, tinha vaca, tirava leite... passava o dia que tu nem via. A gente descia num perau [lugar íngreme que dá em um rio ou arroio] pra lavar roupa, já dava banho neles e mandava pra cima pelados pra não se sujarem... só limpava os pés pra entrar em casa... e não tinha pijama... já dormiam com a roupa que iam sair no dia seguinte.

Clementina Maria Tozzo (esposa)

Foi com muito esforço que dona Clementina atendeu os três filhos enquanto Nilo trabalhava fora, principalmente viajando. Logo que casaram, Nilo era empregado da Ludovico Tozzo, depois virou sócio, mas precisava economizar para pagar as cotas da sociedade. Clementina começou a trabalhar na loja da família e o salário dela ajudava as finanças da casa.



“Nós nos ajudamos. Ela me ajudou muito. Foi muito econômica. Quando casamos tinha vaca de leite, porquinhos, galinhas... depois começou a trabalhar na loja, cuidava a loja e em casa, ela trabalhou bastante!”

Clementina tinha 33 anos, os filhos estavam com 12, 10 e 8 anos de idade, ela já estava acostumada a trabalhar fora e tinha uma empregada para ajudar nas tarefas domésticas quando nasceu a filha caçula, Silvânia. Mesmo que não tenha sido planejada, Silvânia foi um verdadeiro presente para a família – nascida do Natal de 1970.



Tinha os três daí achava que não ia mais ter filhos. Mas assim né... o Nilo viajava e eu em vez de tomar o remédio, quando ele não tava eu não tomava, daí quando ele tava pra voltar eu tomava, mas não deu certo porque quando vi eu tava grávida. A mulher do tio Alcides Tozzo que me deu os comprimidos, eu nem sabia o que era porque não se tinha nada de instrução.

Clementina Maria Tozzo (esposa)

Mesmo com o nascimento de Silvânia, Clementina seguiu trabalhando e conciliando as funções. Amamentava na loja e deixava a menina sob os cuidados da babá. Apesar de não ser esperada, a quarta filha do casal foi muito amada e recebida com todo carinho pela família, principalmente pelos irmãos, que na época já viajavam com o pai e traziam para a pequena diversos brinquedos e novidades vindos de SP. Sendo a única filha mulher, também era bastante paparicada pelo pai.



O meu pai ficou muito feliz quando eu nasci porque até então só tinha meninos. Ele já não viajava tanto, mas trabalhava muito. Ele sempre trabalhou muito, mas tava em casa meio-dia pra almoçar e à noite. Eu lembro de buscar muito o colo dele. Era um momento que eu tinha de conexão com ele. Era o pai quem me levava nas consultas médicas porque a mãe trabalhava e ele ia pra Chapecó, pro banco, ele que ia comigo fazer a matrícula do colégio, sempre foi muito presente, mesmo trabalhando bastante.

Silvânia Tozzo (filha)

Na década de 70, a família também passou por outra mudança: ir morar na casa que o casal reside até hoje, em Cordilheira Alta, um espaço grande e, ao mesmo tempo simples, que ainda abriga alguns móveis antigos, de quando eles casaram. Sr. Nilo demonstra orgulho pela mobília sexagenária que carrega parte da história da família, uma história de muito trabalho, muitas economias e sacrifícios, mas também de muitas conquistas.

Nilo e Clementina: uma parceria de 70 anos

O trabalho e a criação dos filhos mantiveram Nilo e Clementina

bastante ocupados, mas foram o amor e o respeito os responsáveis por manter o casal unido. Desde que começaram a namorar, já se passaram sete décadas. É uma vida inteira juntos. “[Nós dois] é um pelo outro”, revela dona Clementina.

Como todos os casais, eles já viveram altos e baixos, principalmente na época em que Nilo passava muito tempo fora de casa.



Eu não gostava que ele viajava, eu chorava, chorava... principalmente quando tava grávida do primeiro filho. Eu era ciumenta também. Eu queria que ele ficasse em casa, então a gente brigava, meu Deus do céu...

Clementina Maria Tozzo (esposa)

Com o tempo, Clementina passou a ir junto nas viagens – depois que Nilo parou de viajar de caminhão e começou a ir de carro. Ela ajudava com as compras para a loja. Eram longas caminhadas em São Paulo para buscar os melhores produtos e fechar negócios.

O casal ainda teve muitas outras oportunidades de viajar, a passeio, conforme a vida foi melhorando. Quando Nilo se tornou prefeito, Clementina acompanhava o marido em viagens políticas, até mesmo internacionais. Além disso, alguns roteiros se tornaram cotidianos – até hoje – como as idas de Cordilheira Alta/Chapecó para o Mato Grosso ou para o litoral catarinense. Eles não param! A energia e a vitalidade do casal ainda são admiráveis.

Quando jovens, Nilo e Clementina eram focados no trabalho. Tanto que o lazer dos domingos era fazer o serviço em casa.



Nos domingos nossa diversão era fazer o serviço. A gente ia procurar taquara pra fazer o fechadinho pra colocar a quirela pros pintinhos, moía a quirela, descascava o milho, deixava tudo pronto pra semana... Às vezes ia na missa em Xaxim, e depois começou a ter o time de futebol.

Clementina Maria Tozzo (esposa)

Mesmo trabalhando, os fins de semana eram marcados pela família reunida – ritual que tentam seguir até hoje com os almoços de domingo. Nilo também aproveitava alguns momentos vagos para jogar baralho com os amigos da comunidade – outro hábito que ainda cultiva. Apesar de serem bastante ativos e terem muitas atividades, agora os dias de Nilo e Clementina possuem mais doses de lazer e descanso. Eles ainda são vistos na comunidade, fazem passeios, aparecem na empresa. Sr. Nilo gosta de estar antenado em tudo o que acontece dentro e fora do mundo dos negócios. Aos 91 anos, ainda gosta de dirigir o carro. O xodó é uma Mercedes® que ganhou dos filhos. Dona Clementina administra principalmente a casa e é conhecida por seu delicioso bolo de nozes, maçã e canela – a receita é tão especial que já esteve presente em eventos da empresa.



Uma coisa que marca muito a empresa é a parte da família. E a dona Clementina tem o costume de aparecer do nada aqui [na empresa] com pão de queijo. E ela tem o famoso bolo de nozes, maçã e canela. Esse tem o gostinho de Nilo Tozzo. Então nós recebemos um grupo de distribuidoras do Brasil inteiro que ficou dois dias aqui. Nos 'coffees' servimos o bolo e o pessoal comia e comentava que era muito bom. No final do evento, demos a lembrancinha pra eles: um pacotinho de nozes com a receita do bolo da dona Clementina.

Gilnei Scussel
(gerente administrativo do Grupo Nilo Tozzo)

Aos 87 anos, dona Clementina esbanja disposição e não reclama da saúde. Já sr. Nilo, se incomoda um pouco com a perda auditiva, a falta de apetite e a dificuldade de locomoção. Utiliza uma bengala para facilitar o deslocamento e precisa ter cuidados redobrados para não perder o equilíbrio e cair. Toma remédio para problema cardíaco há mais de 20 anos. Ainda assim, é uma fortaleza. Atribui a saúde a uma alimentação equilibrada, regada a um pouco de vinho e o consumo de mel todas as manhãs.

Há muitos anos, uma cigana disse que dona Clementina viveria até os 100 anos. Ao menos dois dos bisnetos concordam que não só ela, mas o casal, ainda tem muita vida pela frente.



É uma família longeva. Eu falo pros meus filhos que eles têm a sorte de ter o biso e a bisa vivos. Temos as

quatro gerações juntas. Eles convivem, e meus filhos gostam muito deles, não vai ser uma memória só por foto, vão ter bem vivo na memória. Os dois falam que o biso vai fazer 100 anos. A Livia [7 anos], que é mais espiritualizada, fala: “eu rezei pro biso e pra bisca que eles vão ter 100 anos”, sempre fala isso, do nada, não é algo que nós passamos.

André Vinícius Tozzo (neto)

Independentemente do dia de amanhã, com muita vitalidade, simplicidade, união e afeto, o casal construiu uma linda jornada e segue escrevendo sua história. A história de uma vida inteira, que tem como principal personagem o respeito.



Tem que um confiar no outro e ter respeito, porque se perder o respeito se foi. Um confiando no outro e se respeitando não tem como dar errado.

Clementina Maria Tozzo (esposa)



“É um casamento feliz. Clementina é uma pessoa de coração muito grande.
O segredo é um aceitar o jeito do outro.”



70 anos de amor e cumplicidade.

Nilo: pai, avô e bisavô

Nilo estava prestes a completar 26 anos de idade quando se tornou pai pela primeira vez. O título de avô veio aos 49 anos. Antes de completar 80, já era bisavô. Ver a família crescer, enche o sr. Nilo de alegria. Ele sorri quando fala dos bisnetos e conta com orgulho sobre os feitos dos netos na empresa.

Com um passado difícil e de muito trabalho, Nilo não estava sempre presente na criação dos filhos, mas sempre foi amado e respeitado. Embora fosse um pai rigoroso, demonstrava zelo e preocupação com a família.



Era um pai bom, mas bem enérgico, tinha que ser dentro da lei. Mas ele foi muito bom pros piás, educação deu até demais, eles têm uma educação muito boa.

Clementina Maria Tozzo (esposa)



O pai não foi aquele pai participativo, ele trabalhava, viajava bastante, mas era aquele pai sério, que só no olhar tu tinha que respeitar. Por outro lado, com essas viagens ele proporcionou muita coisa pra nós.

Uma das boas lembranças da infância é a praia. Todo ano, uns 10-15 dias, ele nos levava pra praia. Tu esperava pra ir pra praia, não interessava se ia em 10 dentro do

carro, dormir onde dormia, mas na infância ele sempre nos levou pra praia.

Jair Pedro Tozzo - Chico (filho)



Na infância ele realmente sempre ficou bastante distante em função das viagens, lembro das discussões com a mãe porque ela gostaria que ele não viajasse, mas ele não desistiu. Todas as viagens que ele fazia, sempre trazia um agrado pra nós. Um pai muito rígido, enérgico, mas no fundo ele demonstrava que amava a gente porque se preocupava.

Neloir Antonio Tozzo - Nico (filho)



Eu sempre fui muito paparicada por ser a única menina. Quando eu era pequena eu ia no bar quando o pai tava jogando baralho, atrás de um doce, de uma bebida e ele sempre me dava um sorvete seco, um refrigerante... Agora, quando estão na praia, vou todo final de semana pra encontrar. Meu pai é mais quietão, mas a gente se dá muito bem, ele se preocupa comigo ainda, pergunta como eu tô... é bem boa a nossa relação.

Silvânia Tozzo (filha)

Os depoimentos dos filhos revelam o cuidado do pai e a preocupação em bem educar. O casal também sempre esteve atento à saúde das crianças, inclusive realizando tratamentos em outros estados quando necessário. Infelizmente, em outubro de 2023, Nilo e Clementina perderam um de seus filhos, Aumir Fermino Tozzo, que morreu aos 63 anos, vítima de glioblastoma, um tumor no cérebro. Foi aproximadamente um ano e meio de tratamento, duas cirurgias, mas o quadro se agravou.



“Eu sofri muito, mais de um ano, na doença dele... não podia dar assistência no hospital por exemplo... sofri bastante... [Depois que ele morreu] de noite eu não dormia, ficava só pensando. Agora passou um pouco, mas faz falta... é triste quando se perde um filho... eu sinto, mas a vida é essa...”



Eu, tem horas que lembro dele, Deus do céu! Uns falam que vai passando com os dias, mas eu acho que cada dia que passa é pior. Mas não tem mais o que fazer, a gente fez de tudo... só que ele faz falta aqui, meu Jesus, não tem explicação. Mas aconteceu e ninguém vai ficar pra semente, então ele que cuide de nós aqui... tá mais feliz ele lá do que nós aqui.

Clementina Maria Tozzo (esposa)

Os filhos já começam a atingir a terceira idade, os netos já estão crescidos e alguns deles seguem os passos do avô e dos pais, dando continuidade aos negócios da família. Mas, independentemente da proximidade com os negócios ou mesmo da proximidade física, o carinho, o amor e as boas lembranças prevalecem para os netos. A maioria deles teve – alguns ainda mantêm – muitas oportunidades de convívio com os avós. Foram inúmeros fins de semana em família, almoços de domingos, encontros em datas festivas e passeio na praia.



Nas minhas lembranças estão a casa deles, o chazinho da vó, as tardes comendo pipoca e as férias na casa da praia. Teve algumas vezes que a gente foi com o vô e com a vó pra praia.

Eles iam conversando muito, tomando o chimarrãozinho deles. Final de semana normalmente era almoçar com eles. Com a gente o vô era de sentar, conversar, brincar e às vezes dava sermão porque as coisas não estavam certas. O vô era mais rígido, mas sempre carinhoso.

Joanalyz Raquel Tozzo (neta)



O vô gostava de jogar carta e jogar bocha. Na praia, todo entardecer, jogava bocha. É uma memória muito afetiva que eu tenho, do entardecer na praia, ele jogando bocha, a família toda ali.

Eu também passava muito tempo com eles porque eu morava em Cordilheira Alta e eu adorava ficar com o vô e a vó. Comigo eu sempre senti o vô muito amoroso, muito querido, eu ficava no colo dele, eu tenho muita lembrança do carinho, nunca senti falta de

afeto de vô. No Natal, Páscoa, aniversário dele, eu sempre escrevia uma cartinha para ele, agradecendo.

Natália Silvia Tozzo (neta)

O carinho e o cuidado que Nilo e Clementina dedicam à família é retribuído por cada um dos filhos, netos e bisnetos em forma de muito amor. E é esse ciclo de amor infinito que segue guiando os passos do casal.



Eu, pra mim, a família representa o céu,
minha família é tudo.

Clementina Maria Tozzo (esposa)



“O que eu pude fazer pra família
eu fiz, sempre com amor.”



Nilo Tozzo com os filhos e a filha.



Família de Nilo Tozzo e Dona Clementina.

135

136

137

HISTÓRIAS

Capítulo VIII

Na bagagem de Nilo Tozzo estão quase 92 anos de história e muitos quilômetros de estrada. Da carroça ao avião, Nilo percorreu muitos caminhos, em uma jornada de uma vida inteira. Tudo isso gerou muita experiência e também boas histórias... De carroça, Nilo desbravava o interior do Oeste catarinense puxando grãos e carregando suínos. De caminhão, circulava pela região e também ia para São Paulo e Rio de Janeiro vender feijão e fazer compras. O Fusca® também foi por muito tempo companheiro de estrada. Teve ainda a camionete Ford F-1000® e a Mercedes®, veículos que pegaram bastante poeira nas idas e vindas do Mato Grosso. As viagens de avião também reservaram algumas surpresas. Cada uma dessas vivências ajudou a construir Nilo Tozzo, pessoa e empresa, pois cada passo dado repercutiu no aprendizado do homem e no legado que fica para toda a família e, conseqüentemente, para os negócios.

O chapa do RJ

Em uma das viagens para São Paulo e Rio de Janeiro, com um caminhão Chevrolet® movido a gasolina, Nilo levou mais de um mês para retornar para casa. O motivo foi a dificuldade em colocar no mercado o produto que levava na carroceria: 130 sacos de feijão. Em terras cariocas, Nilo chegou e simplesmente não estava conseguindo vender nos locais costumeiros. Tanto em SP quanto no RJ, Nilo sempre contava com a ajuda de um trabalhador, o chamado chapa, que normalmente auxiliava nos deslocamentos na cidade grande e na hora de descarregar o produto. Porém, naquele momento, não havia produto a ser descarregado, já que Nilo não conseguia vender o feijão. Foi aí que o chapa, Jair, teve uma ideia: ir às mercearias para tentar comercializar o produto de forma fracionada. E não é que deu certo? Na primeira parada, já venderam cinco sacos. De porta em porta, e com

o incentivo de Jair, em um dia eles venderam tudo. No caminho, Nilo pegava o dinheiro recebido e colocava em um saco. No fim do dia, com o saco do dinheiro cheio e a carroceria do caminhão vazia, partiu para São Paulo, onde chegou por volta das quatro horas da manhã, para fazer as compras que finalmente levaria ao Oeste catarinense.

Além do pagamento pelo trabalho, o chapa carioca ganhou uma homenagem que fez com que ele e essa história fossem lembrados para sempre. Logo que Nilo voltou para casa, o terceiro filho nasceu e recebeu o nome de Jair.

O chapa de SP

O chapa que trabalhou por muito tempo com Nilo em São Paulo era chamado de Branco. A curiosidade neste caso não está nos momentos de trabalho, e sim, muitos anos depois. Cerca de 20 anos depois das suas viagens de caminhão, Nilo estava com Clementina em São Paulo, andando na rua, quando um homem começou a chamar. Era o Branco. O reencontro foi carregado de emoção. E as palavras de admiração, reconhecimento e gratidão, ditas pelo ex-chapa, ficaram guardadas para sempre na memória de Nilo: “Eu devo muito ao senhor. Eu estou bem na minha vida, com meus filhos colocados, com a mercearia que eu tenho, por causa sua. Eu aprendi com o senhor”.

Na estrada

Em uma época em que era possível circular por tudo de caminhão, inclusive pelas ruas de São Paulo, Nilo saía do interior de Chapecó (hoje Cordilheira Alta) e seguia para a grande metrópole brasileira. O fato de o caminhão acessar os diferentes espaços, não significava que o caminho era fácil. Dos quase 900 quilômetros até a capital paulista, mais de 700 eram de estrada de chão. O asfalto só ia aparecer em

Capão Bonito (SP).



“Até lá praticamente não tinha estrada, muitas vezes tinha que pegar o machado pra abrir caminho. Furava pneu, pegava mau tempo, chuva, o caminhão ia atolando. Muitas vezes tinha que ficar parado no caminho quando chovia. Passei cada apuro.. acidentes... batidas, de tombar o caminhão... dou graças a Deus que eu tô aqui hoje.”

As viagens eram cheias de perigos e recheadas de saudade. A demora para voltar, costumava ser acompanhada de um gesto de carinho, uma tentativa de compensar a ausência. Nilo sempre carregava junto com as compras um agrado para os filhos. Alguns deles foram mais marcantes.



Ele viajava e sempre trazia novidade pra nós. Quando era pequeno, nunca esqueço, ele trazia as latas de Ovomaltine® e a gente batia com leite. Era um latão concentrado, imagina só, 50 e poucos anos atrás a gente tomava Ovomaltine®! E cada vez que vinha de São Paulo tinha que trazer, porque leite as vacas tinham, só faltava a mistura.

Jair Pedro Tozzo - Chico (filho)

Na estrada com os filhos

Por muitos anos, as aventuras de caminhão eram vividas por Nilo sozinho, mas quando o filho mais velho, Nico, tinha aproximadamente oito anos de idade, começou a viajar junto. No caminho, o pequeno dormia no chão da cabine do caminhão. Em São Paulo, ia com o pai fazer as compras e também ajudava a colocar mercadorias no caminhão. Aprendeu muito. E voltava pra Santa Catarina cheio de histórias pra contar, muitas delas inacreditáveis para quem morava no interior.



Quando cheguei em São Paulo, lembro como se fosse hoje de ver aqueles prédios que eu via nos livros da escola, a cidade grande, os bondes, os carros - que pouco se via aqui, eram raros no interior. Aos poucos fui conhecer o primeiro telefone, televisão, elevador. Quando eu voltava e contava pros meus coleguinhas era uma atração e às vezes muitos não acreditavam, achavam que a gente tava fantasiando.

Neloir Antonio Tozzo - Nico (filho)

Na época, o único meio de comunicação que havia na região era o telégrafo e, mesmo assim, muitas vezes as pessoas mandavam o telegrama e acabavam chegando ao destino antes do recado. Assim, tudo o que era visto em São Paulo tinha uma grande marca de modernidade. As viagens oportunizavam um conhecimento único.

Em meio a tantas novidades, Nico aprendeu também a trabalhar. Em uma das viagens, Nilo terminou de vender o feijão e deixou o fi-

lho com o caminhão, esperando o chapa levar a mercadoria comprada. Nilo saiu para fechar negócios e fazer as compras, enquanto Nico aguardava os produtos, sentado em cima do caminhão. Conforme o chapa chegava com as mercadorias, Nico ia puxando a lona para cobrir.



O pai me deixava com uns trocados e avisava que só ia voltar à noite. E eu me encantava com as frutas que tinha lá, coisas diferentes, manga, ponkan, então passava o dia comendo manga e chupando ponkan. Mas tinha que administrar o dinheiro, não tinha pra tudo. Ele deixava o caminhão em frente ao hotel ou em frente a uma importadora, que era uma região cerealista. Eu não tinha 10 anos. Hoje penso que ele deixava alguém avisado cuidando.

Neloir Antonio Tozzo - Nico (filho)

Neloir, o Nico, foi o filho que mais acompanhou o pai em viagens, por isso, muito cedo passou a entender os negócios, a forma de se comunicar com fornecedores e clientes e também carregou para a vida alguns exemplos que cruzaram seu caminho. Quando ia junto com o pai fazer as compras de produtos para trazer pro atacado, sempre acabava ganhando brinquedos dos comerciantes. Um pequeno gesto, que marcou e influenciou.



Guardo bastante que tinha um português que o pai passava na loja dele e ele dava um brinquedinho pra mim, um agrado. E, depois, eu na empresa, toda vez que eu recebia as pessoas que vinham com criança eu procurava dar alguma coisa porque me marcou. Tinha um representante que vinha nas férias com o filho dele e eu dava, e foram anos repetindo isso. Depois de muitos anos a gente se encontrou e ele falou: “meu filho jamais esquece de quando eu ia com ele na tua empresa”. Se não fosse meu pai ter proporcionado isso, talvez a gente ia aprender, mas ia demorar. Ele começou a nos preparar pra ter uma visão diferente do que a gente tinha.

Neloir Antonio Tozzo - Nico (filho)

Nico viajou mais, pegou a fase do caminhão, mas os outros dois meninos, Aumir e Jair (Chico), também acompanharam muitas viagens, na fase do Fusca®. Nessa época, Nilo não andava mais com o caminhão, pois viajava para fechar negócios e outro motorista levava as mercadorias. Além de São Paulo e Rio de Janeiro, em busca de melhores preços e diferentes produtos, também viajava para Porto Alegre, Belo Horizonte e Curitiba. Foram inúmeras viagens com os três filhos no Fusca®. Em uma delas, para Porto Alegre, Aumir pegou caxumba. O resultado foi um confinamento de muitos dias dentro do hotel, os três meninos, enquanto o pai trabalhava. Um imprevisto, dos tantos que podiam ocorrer nesses momentos longes de casa. Mas,

sempre que era possível, os meninos acompanhavam o pai e iam aprendendo mais sobre fazer negócios.

Enfim, no ar

Depois de muitas andanças via terrestre, com muito atoleiro e dificuldades, começaram as oportunidades de viajar de avião, principalmente com a inserção no meio político, o qual possibilitou inclusive missões internacionais. Em uma dessas viagens, algo inesperado aconteceu. Sr. Nilo foi com dona Clementina e a filha Silvânia em uma viagem política, em 1995, com prefeitos da Amosc (Associação dos Municípios do Oeste de Santa Catarina), para conhecer a administração de cidades europeias, de países como Holanda, França, Itália e Alemanha. Porém, depois de muitas horas de voo, a família chegou no outro continente sem nenhuma bagagem.

Na Europa, sem malas

A viagem para a Europa partiu de Chapecó/SC. Em São Paulo, em uma das paradas do voo, a família recebeu a informação de que toda a bagagem de Nilo, Clementina e a filha haviam sido extraviadas e provavelmente teriam sido despachadas para o Rio de Janeiro. Mais tarde, a informação mudou e eles foram informados de que as malas tinham ido para algum dos países europeus que estava no roteiro da viagem.

Ao pisar pela primeira vez em solo europeu, a família não encontrou nenhuma de suas bagagens. Cada parada em um país diferente acendia a esperança de encontrar as malas, mas isso não aconteceu. O jeito foi pedir algumas roupas emprestadas e depois sair para comprar. Entretanto, havia dois desafios: o idioma e o tamanho das roupas. De acordo com o sr. Nilo, todas as roupas masculinas eram

muito grandes e era necessário cortar as calças para, minimamente, fazê-las servirem sem arrastar no chão. Para dona Clementina o maior desafio era fazer os atendentes das lojas compreenderem o que ela queria comunicar. Foi necessária a ajuda do guia para adquirir ao menos algumas peças de roupa.



Eles tiveram que comprar roupa pros três, porque ficaram sem nada. Sr. Nilo e dona Clementina ficaram meio chateados, mas depois entraram no embalo de comprar as roupas e fazer o que né? E assim foram os mais de 20 dias de viagem. Quando chegamos no Brasil de volta, as benditas malas estavam em Florianópolis.

Romeo Bet
(amigo e ex-prefeito de Planalto Alegre)

De volta ao MT, por terra

Com terras no Mato Grosso e residência em Santa Catarina, depois de muito pegar a estrada em viagens de quase dois dias para atravessar os dois mil quilômetros que separam Cordilheira Alta/SC de Campo Novo do Parecis/MT, em 2011 a família comprou o primeiro avião, um Seneca®, um luxo para a época e ao mesmo tempo uma necessidade para os negócios da família, mas que se tratava de um modelo simples: a aeronave não voava em altitude tão alta, ficando mais sujeita às correntes atmosféricas, deixando o voo mais instável, além de ser mais barulhento e lento do que outros modelos. O avião também tinha baixa autonomia, e era preciso parar no caminho para abastecer. Ainda assim, a viagem que antes levava em torno de 28 horas, passou a levar cerca de seis horas.

Em 2018, o avião antigo foi substituído por um King Air® que eles usam ainda hoje e que voa em altitudes maiores e em velocidade maior, proporcionando um voo mais confortável, com menos ruído e mais estabilização, além de ter mais autonomia. Em aproximadamente quatro horas, é possível desembarcar nas terras mato-grossenses.

As idas e vindas ficaram mais fáceis, rápidas e confortáveis, mas algumas belezas de estar na estrada foram perdidas com os novos caminhos. A nostalgia dos velhos tempos vividos por Nilo e Clementina fez com que Diogo, um dos netos, tivesse a iniciativa de, em 2023, repetir o trajeto com os avôs, por terra. Eles trocaram a comodidade do avião, por fazer mais uma vez a viagem de carro.



Fizemos a viagem do jeito deles, parando onde queriam parar, onde o vô parava 50 anos atrás, restaurante, hotel, as paradas que ele fazia quando ele ia. O vô não gosta de parar muito, só abastecer e tomar um café, porque ele quer despachar o trânsito. Mas ele também gosta de fazer as paradas dele, tem que ver se o cara que ele conhecia ainda tá vivo. Fazia uns oito anos que ele não ia de carro pra lá e acho que foi a última dele (de carro), porque dois dias no carro não é fácil, são mais de dois mil quilômetros. Ele cansou um pouquinho, mas tava feliz com a viagem.

Diogo Nilo Tozzo (neto)



Registro da viagem de Nilo e Clementina,
de carro para o Mato Grosso.



Relembrando os velhos tempos:
viagem com o neto Diogo para Mato Grosso de carro.

Os veículos marcantes

Embora o avião traga comodidade, os veículos mais marcantes da vida de sr. Nilo são terrestres. Ele guarda com muito carinho um caminhão do mesmo modelo do que ele usava para as viagens. Ele também se orgulha de manter a camionete que conduziu a família por muitos anos até Campo Novo do Parecis, sendo, inclusive, a companheira de viagem quando Nilo e Clementina foram estruturar a primeira fazenda, quase 30 anos atrás.





A camionete que trilhou milhares de quilômetros com Nilo Tozzo no passado, continua com a família.



Nilo mantém na garagem o mesmo Fusca que o acompanhou em muitas viagens.

O tão comentado Fusca® usado para fechar negócios em várias capitais brasileiras também é conservado por Nilo com muita alegria e carinho. O veículo traz importantes recordações e marca uma fase da vida em que a família buscava estabilidade. E um dos carros mais importantes para Nilo Tozzo é uma Mercedes®. Desde que trabalhava na sociedade com os irmãos, Nilo era apaixonado pelo veículo, mas não tinha condições de comprar. Depois da cisão, na primeira festa de Natal da nova empresa, os filhos presentearam o pai com o tão sonhado carro. O momento, além de ser de muita emoção, também confirmou que a empresa estava no caminho certo e que as finanças andavam bem, apesar dos poucos meses de existência.



Na época a gente já tava com o pão bem fermentado e crescido, financeiramente tava bem melhor. Os filhos se juntaram e deram uma Mercedes® nova, fomos com ela algumas vezes pro Mato Grosso e temos até hoje. Ele sempre gostou do carro e o dia que ganhou foi emocionante, foi bem chorador.

Clementina Maria Tozzo (esposa)



Mercedes: o veículo ainda faz parte da rotina da família.

151

152

153

ENSINAMENTOS

Capítulo IX

Segundo o dicionário (Michaelis On-line), legado é “aquilo que se passa de uma geração a outra, que se transmite à posteridade”, enquanto ensinamento é a ação de ensinar ou o “conjunto de ideias ou conhecimentos a ser transmitido”. Independentemente do verbete escolhido, ambos definem boa parte da vida, da história e da herança de Nilo Tozzo: ele sempre foi uma pessoa que cobrou muito, mas que também soube valorizar, incentivar e ensinar.

Em todos os segmentos da vida, Nilo soube influenciar e inspirar. Na política, foi referência para aliados e até mesmo para adversários. No trabalho e na família, seus exemplos foram incorporados por funcionários, parentes e na conduta da empresa.



O tio Nilo foi uma pessoa sempre batalhadora, teve muito conhecimento, muita sabedoria quando tinha que tomar as decisões e uma pessoa muito cobradora nos negócios, que dava oportunidade, mas cobrava. Acho que com isso, a gente aprendeu a se organizar como pessoa e como empresário. A maior cobrança dele era o horário de trabalho, não é porque tu é da família que pode chegar a hora que quer e sair a hora que quer, e eu sou a mesma coisa hoje.

Luiz Antônio Tozzo (sobrinho)



É meu padrinho e meu segundo pai porque sempre trabalhei com ele, ele me puxou orelha, me ensinou, me educou, me cobrou... e a gente tentava fazer o máximo para atender. Ele me aconselhou a ser vereador na primeira vez que concorri. Na política, segui o exemplo do tio Nilo.

Carlos Alberto Tozzo - Picasso
(sobrinho e afilhado)

Se para os sobrinhos, Nilo foi tão relevante a ponto de deixar exemplos que eles seguem até hoje, para os filhos, Nilo é a maior de todas as referências. Se espelhar no pai é motivo de orgulho e tudo o que foi ensinado é levado a sério no dia a dia.



O que meu pai ensinou pra mim foi ser honesta acima de tudo, ter caráter e valorizar todas as pessoas, essas são as coisas mais importantes que ele me ensinou. E me ensinou também a ter muita fé... fé em Deus.

Silvânia Tozzo (filha)



O exemplo do pai sempre foi bom. Desde criança ele ensinou os princípios da boa conduta, honestidade, trabalho, compreensão, respeito e acima de tudo como se conduz uma sociedade, sem nunca discriminar as pessoas. Isso a gente

leva até hoje. Palavras importantes do pai: “tem que ter regra”, a regra é palavra-chave dentro da nossa sociedade e na família.

Jair Pedro Tozzo - Chico (filho)



Com o pai, a gente aprendeu a não ter medo do desconhecido. A grande experiência que o pai nos deu foi a liberdade pra fazer as coisas na empresa, pois mesmo que você errasse, aprendia.

Quando ele me levou a primeira vez pra São Paulo, aquilo pra mim foi uma das melhores coisas que aconteceu, de ele ter me mostrado o mundo. A gente percebe desde criança como ele queria que a gente evoluísse, fosse buscar o desconhecido, ver coisas diferentes daquilo que a gente via. A vontade dele também era compartilhar com os filhos aquilo que ele via. Você não tava fazendo, mas tava presenciando como funcionava a negociação, como ele se dirigia às pessoas. A gente se familiarizou sempre com os negócios. Esse legado que meu pai me deixou é que fez eu ser o que sou hoje.

Neloir Antonio Tozzo - Nico (filho)

Os sentimentos de amor, reconhecimento e gratidão são expressos em palavras não só pelos familiares de Nilo Tozzo. Muitas pessoas receberam ensinamentos e possuem ótimas lembranças de momentos vividos com ele.

157

158

150

“ENTÃO, FOI UMA VIDA”

NILO TOZZO

Capítulo X

Em cada sala que entramos, presencial ou remotamente, nos meses de captação de entrevistas sobre a vida, a história e o legado de Nilo Tozzo, percebemos a admiração e o carinho de cada um por esse homem que consegue impactar a todos de forma positiva. Muito do que foi dito já está registrado nas páginas anteriores, mas não podíamos terminar essa obra sem homenagear Nilo Tozzo de um modo bem específico: com as palavras de amigos e familiares. Palavras, estas, carregadas de significado, boas lembranças, gratidão e amor.

AO NILO TOZZO, COM CARINHO

Dos amigos



Delvino Dall' Rosa (Dino) - Eu aprendi muito com seu Nilo Tozzo porque ele era uma pessoa que dentro e fora da política ele aconselhava muito as pessoas, conversava muito. Ele era muito respeitado por todo mundo, uma pessoa muito simpática, calma, tranquila. E ele sempre queria fazer pro bem. Como ser humano, é uma pessoa extraordinária. Ele foi um exemplo pra região Oeste de Santa Catarina.



Gelson Sorgatto - [Nilo é] Um exemplo de vida pra gente seguir, um exemplo de conduta irreparável, que nos inspirou. Eu me espelhei muito na vida dele como cidadão, pai e ser humano.



Nelson Locatelli - Uma pessoa com uma retidão expressa, nas propostas e na conduta das ações. Pela maneira dele ser, é respeitado e admirado pela sociedade. Uma liderança. O Nilo é daquelas poucas pessoas que sempre foram sérias e determinadas.



Altemir Pederssetti (Pico) - Do Sr. Nilo eu só tenho que falar bem. Ele me respeitava o dobro do que eu merecia. Ele dava autoridade, mas tinha que andar o serviço. Ele resolvia, era uma tranquilidade. Ele era bem preocupado, estressado, isso que ele nem precisava disso, mas queria que falassem bem do serviço [na Prefeitura]. O velho era queixo duro, era firme.



Olide de César - O Nilo foi quem levantou a Cordilheira. Nossa amizade sempre foi forte e sempre será.



Rodrigo Scudela - Ele sempre trabalhou, deu opiniões e sugestões na empresa, é bem admirado por todos os funcionários. Eu tenho uma admiração grande por ele, sempre gosto de conversar e trocar ideais com ele porque é uma pessoa bem pra frente.



Eloá Conceição Zanluchi (Lala) - O Sr. Nilo é uma pessoa extraordinária, fantástica. As marcas dele são a honestidade, a simplicidade, é um homem guerreiro, que foi buscar e soube

dividir. E sempre pensando lá na frente. Ele não quer parar, quer fazer negócios, isso é que é viver, leva ele a uma vida bem melhor, pensando sempre na frente.



Gilnei Scussel - A história que ele construiu, da onde ele veio, o que ele fez, o que ele é, é muito rica, muito bonita pra morrer. É realmente um legado. É um exemplo.

Dos filhos



Silvânia - Ele sempre foi muito bem quisto pela sociedade, meu pai conseguiu deixar a marca dele. Ele também ajudou muitas outras pessoas. Ele representa o sucesso, tem uma família que o valoriza, respeita, admira, acho que isso é uma das coisas que pode fazer uma pessoa se sentir realizada quando conseguiu alcançar.



Jair (Chico) - Meu pai representa tudo que a gente espera de um pai, apesar de ser uma pessoa sempre regrada, não tem palavras que falem o que ele representa pra mim. Eu queria ter a cabeça que o pai tem com 91 anos. Meu pai pra mim é tudo o que acontece de bom na vida da gente e só

lembranças boas, então só tenho a agradecer por ele ainda fazer parte do nosso convívio e que possamos ficar mais tempo com esse homem.



Neloir (Nico) - A figura dele pra mim ainda é do conselheiro. Sempre foi meu líder, meu guia, que me ensinou as virtudes da retidão, da caridade, da vontade de viver. Ensinou o respeito pelas pessoas... e a verdade! Doa o que doer, seja verdadeiro com as pessoas. Eu tenho uma gratidão todo dia por estar com 65 anos, ter meu pai e minha mãe vivos.

Dos netos



André - Ele sempre foi muito pra frente, até com um olhar visionário, que quis fazer coisa diferente, buscar o novo, nunca teve medo de enfrentar momentos de família e empresa, os altos e baixos, sempre foi o porto seguro, sempre foi essa pessoa que conseguia acalmar as coisas, sempre negociador e com aquele jeito calmo dele ia fazendo as coisas acontecerem. É motivador pra nós, na idade que ele tá, que ele ainda pensa em fazer negócios pro futuro, é motivador alguém na idade dele querer que a coisa sempre ande. Tanto ele quanto a vó são o elo de uma corrente.



Diogo - De momentos com o vô tenho vários, tanto daqui [de Cordilheira Alta] quanto do Mato Grosso, da praia, mas todos bons, nunca vi uma coisa ruim do meu vô, nem da vô. E tem que aproveitar enquanto ele tá aí. Eu acho que a vida do vô foi sofrida, e ele tem uma simplicidade, gosta de conversar com as pessoas. Eles dão pros outros, fazem pros outros, pensam mais nos outros do que neles.



Joanalyz - O vô nos deu educação. Ele não é de muito sorriso, é mais fechado, mais sereno, mas a educação que ele passou pra todos não tem explicação. Ele sempre nos conta que não foi fácil deixar os filhos pequenos pra sair, pra viajar. As coisas eram difíceis na época. Eu tenho muito orgulho deles. O legado que ele deixa é de ser muito família e, mesmo com a idade, se você sentar pra conversar com ele, ele te dá uma aula de vida.



João Pedro - Ele parece até hoje sempre muito centrado, muito lógico nas escolhas dele quanto à empresa, quanto ao que deve ser feito, ele sempre tá preocupado com o que tá acontecendo na empresa, até o fim da vida dele ele vai querer sempre estar ali acompanhando, vendo tudo. Sinto que por mais que ele não esteja comandando, é muito importante pra ele. Ele não é muito falador, de sentar e puxar

assunto, já tinha mais de 70 anos quando eu nasci, mas ele sempre quis saber dos meus planos, do que eu queria pra vida. Do que eu contei pra ele, ele sempre apoiou, gostou das minhas ideias e isso é muito legal.



Marcelo - O pique dele é fora de base, a gente, jovem, não tem o pique dele. E sempre otimista, nunca foi uma pessoa pessimista, sempre foi uma pessoa de “tá ruim, mas vai dar certo”, e nos ensinou a agradecer também.



Natália - O vô tem um olhar muito atento a tudo. Ele é super observador, muito silencioso e bem analítico, acho que ele entendeu muito das pessoas observando. Ele não mediu esforços, fazia tudo com dedicação total. Essas qualidades deixaram bem forte na minha vida, de honestidade, de caminhar correto, o vô sempre trouxe muito isso pra família. E tinha que andar na linha, meia palavra que ele falava e tu já se endireitava.

Também trouxe muito pra mim a questão de raízes fortes, eu sinto que o meu avô sempre quis colocar a raiz na terra onde ele tivesse, ele desbravou e colocou o nome dele ali, acho que foi passando pra gente essa força, muita determinação de fazer o que você quer. Ele sempre foi atrás do que ele quis. Teve muito o papel da minha vó que apoiou ele muito. Ele e a vó trazem muito a questão da fé também, essa força espiritual.

Eu agradeço muito pela oportunidade de conviver tanto tempo com ele e ter recebido esse legado de força, de honestidade, de determinação, de fé... é uma honra ter convivido com uma pessoa que deixou um legado tão grande, tão positivo, não só na nossa família como na sociedade.



Título	Nilo Tozzo: Uma vida de trabalho O trabalho de uma vida
Autora	Juliana Vinhas
Bibliotecária	Aline Graziele Benitez
Projeto Editorial	Ivo Dickmann
Projeto Gráfico	Doss Propaganda e Matheus Colaço
Capa	Doss Propaganda e Matheus Colaço
Fotos	Arquivos da família, Juliana Vinhas, Gilnei Scussel e Ivo Dickmann
Diagramação	Luis Gustavo Van Ondheusden Christiane Fernandes da Silva Matheus Colaço
Preparação dos Originais	Juliana Vinhas Gilnei Scussel Ivo Dickmann
Assistente Editorial	Maria Rosimeri Salvi Appolinário
Formato	16 cm x 23 cm
Tipologia	Albert Sans, 11,5 pontos
Papel	Capa: Supremo 300 g/m ² Miolo: Offset 90 g/m ²
Número de Páginas	170

Parece não ser à toa o sobrenome Tozzo e a palavra trabalho começarem com a mesma letra. A história inteira de Nilo Tozzo se confunde com o TRABALHO. Não há como falar de Nilo Tozzo sem falar no homem trabalhador, que começou como empregado, virou sócio e empreendedor. E, mais do que isso, passou esse exemplo para as gerações seguintes.

Nilo Tozzo é referência quando se fala em superação, em negócios, em política, em família, em comunidade, em religiosidade. Todos estes segmentos fazem parte da trajetória do homem que ingressou na política com 50 anos de idade e, aos 65 anos, abriu um negócio próprio que hoje é um grande grupo empresarial. Com resiliência, dedicação, talento para inovar e o apoio da família, Nilo Tozzo saiu do zero e estruturou uma empresa que não para de crescer. Assim, alicerçado no trabalho e na família, Nilo Tozzo construiu sua história — da carroça ao avião.

Aos 91 anos, o gaúcho enraizado em Santa Catarina e com o coração no Mato Grosso, carrega na bagagem muitas histórias, enormes desafios, grandes conquistas e, sobretudo, uma fé inabalável, uma certeza fervorosa de que, de alguma forma, tudo dará certo. Nilo influencia e impacta positivamente todos que o conhecem pessoalmente e, agora, pode inspirar os leitores deste livro também.